

Livro:

RASCUNHOS E ALGIBEIRA & Outros Poemas

Autor: Flávio Tallarico

Editora Shekinah 1995

Copyright © by: Flávio Tallarico

Todos os direitos reservados ao autor

Proibido a reprodução total ou parcial, sem prévio consentimento.

**869-91 Tallarico, Flávio – 1941
T147r**

RASCUNHO DE ALGIBEIRA & outros

Poemas/Flávio Tallarico

Ilustrações: João Marchetti

Capa: Nelson Pedro S.F. Silva

Revisão: Vicente de Paulo Tallarico Adorno

Piracicaba: Shekinah Editora e Gráfica, 1995

100p., 155x215cm

1. Poesia brasileira. I. Título

Para minha neta Belinda

que renovou o milagre da vida

e restaurou o colorido da felicidade

no azul filtrado de seus olhos.

Do Autor:

POEMAS DO MOMENTO AGUSTIADO

(1963) Esgotado

CANTORIA – 2ª Edição

(1981) Esgotado

* * *

Capa: Nelson Pedro Sérgio Ferreira e Silva

Ilustração: João Marchetti

Revisão: Vicente de Paulo Tallarico Adorno

NOTA DO AUTOR

Este pequeno caderno reúne crônicas e poesias escritas em diversos períodos de 1982 a início de 1995. Procurei fazer uma seleção criteriosa de inúmeros trabalhos publicados nos semanários *Jornal do Vale*, *A Palavra*, *O Comércio* e *Tribuna de Descalvado* — jornais onde militei nestes anos ora como jornalista e redator, ora como simples colaborador.

Na seleção dos textos procurei observar uma ordem cronológica, tomando o cuidado de desprezar aqueles que não tivessem conteúdo de interesse literário.

Aos leitores que não conhecem meus livros anteriores — e aos já iniciados —, cabe explicar que minha produção literária é cíclica, com grandes intervalos de tempo, em razão da igual paixão pela música instrumental. Esta dualidade, em constante conflito, muitas vezes se anulam. É quando me entrego a uma alienação solitária em preguiçosas e cismarentas pescarias, longe da música e da literatura.

Passados treze anos da edição de meu último livro (*Cantoria*), senti a necessidade de reunir meus escritos nesta edição — o que só foi possível graças ao apoio que recebi da SABI (Sociedade dos Amigos da Biblioteca) e da SECET (Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Turismo), com particular atenção dos Poderes Públicos Municipais.

Agradeço a todos que colaboraram.

FT

À GUISA DE PREFÁCIO

Mário Franceschini

(Doutor em letras pela USP)

De início mesmo vem a talho confessar que muito nos elogiou o convite que nos foi feito para prefaciarmos “Rascunhos de Algibeira e Outros Poemas” do escritor descavadense Flávio Tallarico. Seria ocioso lembrar aos leitores de nossa cidade dados biográficos do já consagrado poeta.

Nasceu em Descalvado a 9 de abril de 1941. São seus pais Luiz Tallarico e Floriana G. Tallarico. Desde 1966 está casado com Neide Bressan Tallarico. Tem o casal dois filhos: Patrícia e Flavinho.

Flávio é escritor telúrico; suas raízes o prendem ao ubérrimo solo descavadense. Busca nas reminiscências da infância e adolescência alguns temas sobre os quais logra elaborar criações artísticas. Não chegou a completar o 2º ciclo, o que não o impediu de se tornar uma pessoa que privilegia todas as manifestações da cultura.

Nasceu poeta e amante da música, essa grande janela que abre o infinito ao espírito humano. Muito cedo, aos 7 anos, principia a desferir os amenos acordes do violino, sob a batuta do Maestro por antonomásia: Francisco Todescan, que se tornaria conhecido sob o hipocorístico de Quique.

Autodidata, a vocação de artista traça-lhe o destino. Mercê do auxílio de colegas de profissão e de sua plena dedicação ao ofício, aprende a tocar saxofone e bandolim. Já, então, bem apetrechado para o exercício de músico profissional, deixa o cargo de escrevente do Fórum João Mendes Jr., em São Paulo, e passa a viver exclusivamente de sua arte. Integra conjunto de artistas que animam clubes e boates na Paulicéia Desvairada e participa da gravação de discos.

Em 1976, ei-lo de regresso à terra natal, junto com a família. Em fins de semana, continua a tocar em clubes e boates da capital. Quatro anos depois, uma firma de compra e venda de frangos vivos tem-no como funcionário. Mas a divina música não o deixa. Torna-se professor de música da Escola Municipal de Descalvado (83-88) e, por curto período, assume o cargo de maestro da Corporação Musical Santa Cecília.

Atualmente exerce a função de representante comercial autônomo, no ramo de aves vivas.

Não é nosso intento percorrer os meandros quicá tortuosos por que passou o poeta até chegar à estrada real que o levou à consagração artística. A esta altura da vida já nos falecem os valiosos instrumentos da aparelhagem crítica. Contentamo-nos, pois, em registrar as reações que os estímulos dos textos nos despertaram no espírito atento.

Flávio estréia na poesia em 1963, com o volume “Poemas do Momento Angustiado”. Como o próprio título sugere, o poeta se tortura na busca ansiosa dos caminhos que o levem à plena eclosão da sua personalidade artística. E toda a procura de si mesmo gera a **angústia**. O **tédio** nasce depois, quando se dá o encontro de si mesmo. Angústia e tédio amarfanham o peito humano, quando apenas bruxuleia o tênue luzir da esperança “que disfarça a pena de viver”.

Em 1981, vem a lume “Cantoria”, obra que explora temas populares ligados à terra descaldense e bem guardados no escrínio seguro da memória. Editou-a o Jornal do Vale, onde militou como jornalista e redator.

O volume que hoje se edita “Rascunhos de Algibeira e Outros Poemas” já revela um poeta que foi se enriquecendo, no silêncio e na reflexão, de novos recursos de expressão artística.

Curiosamente, parecia que Flávio tivesse encontrado, no seu regresso a Descalvado, aquela atitude em face da vida que pirrônicos, epicuristas e estóicos ensinaram aos gregos da decadência: a ataraxia, a busca pertinaz da serenidade da alma e a tranquilidade do espírito.

Em *De Natura Rerum*, Lucrécio, um materialista incorrigível, colheu em Epicuro a essência da ataraxia. Leia-se *Líber Secundus*, 14-19: *Ó miseráveis espíritos dos homens, ó corações cegos! Em que trevas, entre quantos perigos se consomam tão poucos instantes que é a vida! Como não entender o grito da natureza, que não quer senão um corpo isento de dor, um espírito feliz, livre de inquietação e de temor?*

Ataraxia lhe poderia fornecer uma poesia morna, própria para o consumo à semelhança das novelas pós-prandiais. Por ter alargado a exploração dos temas aos extremos da existência — vida e morte — a sua arte nos trouxe “*um frisson*

nouveaux”, “uma emoção nova”, como a que Vitor Hugo encontrou na poesia de Baudelaire. Longe das intenções do poeta trazer uma nota rubra, para traduzir sentimentos de revolta em face da dor, da miséria da fome, produtos da sociedade injusta.

Em “Rascunhos de Algibeira”, crônicas, como Bóia Fria, Fome e Visão, primam pela concisão; não há clamores, imprecações, a sugerir punhos que se levantam aos céus, ao Olimpo dos deuses, que se divertem com o sofrimento humano. Afinal a contenção lírica, que preconizavam parnasianos e simbolistas, foi uma conquista definitiva da estética literária. Mesmo o tom épico da blasfêmia só tem valor nos fervorosos lábios dos crentes. Despe-se de qualquer significação à luz tibia de agnósticos e céticos.

Nos escritos de Flávio, crônicas ou poemas, ausenta-se a emoção que dilacera o peito e que busca infrene os alcandores tão bem logrados dos condoreiros hugoanos. A poesia perde a altura da eloqüência e ganha a profundidade da alma.

E Flávio soube assimilar a lição de Verlaine:

“Prends l’eloquence e tords lui son cou”

(Apanha a eloqüência e torce-lhe o pescoço).

Veja-se como o autor insinua apenas a dor pungente de uma criatura; em traços rápidos, desenha um quadro onde se espelha o definhar sem-retorno de quem outrora fora tratada por bela, em Visão: *“Magérrima, consumida por longa enfermidade, conservava ainda intacta a beleza angelical. Pele de alva brancura. (Aqui se faz necessário o pleonasma). Magra, formosa e branca. Foi como encontrei a que outrora chamávamos uma bela mulher. Hoje, sentada em seu leito de hospital, metida em longa camisola azul-celeste, trazia as mãos cruzada sobre o colo etéreo e recebia nossa visita com triste olhar de anjo subnutrido”*.

(A propósito do parêntese. Flávio empregou um pleonasma-figura, não uma perissologia. **Alva**, anteposto à **brancura**, funciona como **epíteto**, vale dizer como intensificador. Mallarmé, o gênio do simbolismo francês, escreveu *azur-bleu* — azul azul. *Azur* funciona como intensificador).

Ousamos dizer, linhas atrás, que Flávio é autor telúrico. Nasceu, cresceu, estudou, tem vivido em Descalvado. Aqui enriqueceu o espírito de experiências, frustrações. Aqui nutriu sua alma de vitórias no campo artístico. Aqui fincou raízes que sustentam boa parte de sua cosmovisão. Mas sua poesia perde o colorido local, tão freqüente nas crônicas, quando se abalança a abordar os grandes temas da existência humana. A sua poesia, então, vê alongarem-se os horizontes, penetra fundo nas vicissitudes do ser humano na incerta trajetória do berço ao túmulo. É quando sua poesia se universaliza porque se defronta com o **Homo**, **húmus** da terra, em todas as suas perenes limitações; uma **existência**, em luta insana, em busca de

sua **essência**. E só a encontra quando reverte ao húmus da terra, de onde devera nunca ter saído.

O tema da morte retorna amiúde nos poemas de Flávio. Tem-se a impressão de que aceitaria de bom grado este conceito que colhemos num poema do Pe. Calderón de la Barca, celebrado autor do século d'oro da literatura espanhola:

“Pues el delito mayor/Del hombre es haber nacido”.

(Pois o maior delito do homem é ter nascido).

Porque cometeu crime de ter nascido, o Homo deve expiá-lo com a pena de morte. Flávio explora em vários poemas o drama do Homo, sempre à mercê das garras aduncas da morte.

Veja-se no poema Gato Rato:

*“A morte é o gato /alisando o pelo. / A morte é o fato/
medindo as possibilidades/ do bote exato.*

*A vida é o rato/ roendo o tempo./ A vida é o retrato/
exposto ao sol e à chuva/ do anonimato”.*

O deus Kronos, o braço armado da Morte, os latinos simbolizaram-no em Saturno, o deus que devora os próprios filhos: horas, dias, meses, anos..., e, a serviço da Morte, só encontra uma barreira à sua ação deletéria: a arte robusta, que é eterna, na expressão de T. Gautier.

A Morte sempre figura como tema de poesia, em todas as estéticas literárias. A originalidade de Flávio está em abordá-la sem tom lacrimoso; vê-a como força do destino, como um “*fatum*” que foge à compreensão humana. Escoimando-a do patético, transforma-a em arte.

Vejam-se duas atitudes extremas no que concerne o problema da morte:

Se la mort est inevitable, oublions-la. (Stendhal)

(Se a morte é inevitável, esqueçamo-la).

Ah, perche darci la vita, dei,

Si ci negate poi cercar la morte? (Leopardi)

(Ah, por que dar-nos a vida, deuses

Se nos impedis de buscar a morte?).

Flávio, sem nenhum receio de arrostar a morte, não procura esquecê-la. Mas também não vai perturbar o sossego dos deuses do Olimpo, desinteressados de suas “crias” da terra.

Para encerrar estes alinhavos, bom é lembramos a definição que Fernando Pessoa formulou: o poeta é um **fingidor**. Seu mérito foi descobrir o **óbvio**, quase sempre a última coisa que o espírito humano apreende. Ligeira excursão pelo campo da etimologia nos traz a origem de **fingidor**. Prende-se ao verbo *fingo, fingis, finxi, fictum, fingere*: compor, ornar, idear, excogitar, **fingir**.

Quintiliano, o retórico de *Institutiones Oratoriae*, sobre o supino *fictum*, criou *fictio*, *fictionis*; do acusativo *fictionem* originou-se ficção, suposição, fingimento.

Porque a poesia é a suprema forma de **ficção** literária, o poeta é o maior de todos os **fingidores**. Toda a poesia lírica da Idade Média se baseia no fingimento. Trovadores, jograis ou segréis fingem-se “coitados” (apaixonados) por suas senhoras, à quais se prendem por um juramento; por elas morrem de amor... nas cantigas. Mas é puro amor fingimento, “*amour de tête*”, amor cerebrino.

Flávio pode ter-se “contaminado” como **poeta**, do **taedet me vitae** (aborreço-me da vida). No romantismo, recebe impulso novo: **o tédio me devora** (Chateaubriand): estou entediado desde o ventre de minha mãe. Atinge o spleen byroniano, o tédio à enésima potência, para culminar, no existencialismo, em a **náusea** sartriano. O **homem** Flávio talvez nada tenha a ver com o poeta-fingidor e seja um amante da vida, um biófilo a toda a prova.

* * *

RASCUNHOS DE ALGIBEIRA

GRANIZOS

Uma legião de anjos-meninos escapados à vigilância divina desceu sobre a cidade; e eram tantos, que o céu se escureceu de medo. Aconteceu terem ouvido conversas de santos conservadores reprovando os nossos pecados e decidiram fazer justiça com as próprias mãos.

Munidos de atiradeiras, quebraram nuvens em pedacinhos. Nem foi preciso a célebre frase: "aquele que for sem pecado atire a primeira pedra". As pedras caíram, por minutos apenas. Logo descobertos pelos anjos da guarda, foram recolhidos à Febem Celeste. Medrosos, como cães acuados, saímos de nossas tocas para medir a extensão da represália. Árvores mostravam copas mal aparadas, qual cabeças de meninos saídos de humildes barbearias de aldeia; folhas espalhadas cobriam ruas e calçadas, como se por ali tivesse passado a procissão do Senhor Morto. Um velho descobre um passarinho agonizando no chão e se agacha com dificuldade para ver de perto.

Uma só feição mascarava todos os rostos. Passada a tormenta, a chuva suplicada há muito tempo caiu pesada e generosa, não como uma benção, mas como desculpa do céu pelo divino descuido.

* * *

BÓIA FRIA

O sol queima, a cana exaure, o suor se cristaliza em refinado açúcar. Arroz branco e chuchu, cozidos na véspera, comidos em lata de cera Parquetina, não devolvem brilho aos olhos opacos e ressequidos. Amontoados em caminhões, cargas sem destino, quedam calados e conformados. Cristais de rocha que se consomem ocultos sob o peso da montanha, sem nenhuma esperança de um dia vir a brilhar em taças.

* * *

VISÃO

Magérrima, consumida por longa enfermidade, conservava ainda intata sua beleza angelical. Pele de alva brancura. (Aqui se faz necessário o pleonasma). Magra, formosa e branca. Foi como encontrei o que outrora chamávamos uma bela mulher. Hoje, sentada em seu leito de hospital, metida em longa camisola azul-celeste, trazia as mãos cruzadas sobre o colo etéreo e recebia a nossa visita com triste olhar de anjo subnutrido.

* * *

BNH

A coisa anda ruim mesmo. Na porta da Caixa Econômica, o João de Barro e a Tartaruga aguardam na fila a inscrição no plano da Casa Própria.

* * *

MODISMO

Os homens de hoje, preocupados com a saúde, teimam em usar pulseiras magnéticas, sabona e outros balangandãs, tidos como miraculosos. Silenciosamente, em seu pulso esquerdo, o relógio digital suga suas entranhas, alheio a todos os milagres.

* * *

DOCE LAR

No banheiro, a toalha esfrega o corpo lavado. Na lavanderia o corpo esfrega a toalha. A toalha, úmida, vai tomar sol no varal. A lavadeira, suada, volta a tomar banho e usa outra toalha que depois necessita ser lavada. Não, amigo leitor. Não se trata do moto-contínuo, mas simples brincadeira de roda na rotina maçante da vida doméstica.

* * *

GRAVURA

Na fruteira sobre a mesa, bananas e laranjas em perfeita harmonia estética no interior da árvore de vidro moldado.

Esta nossa gravura tridimensional e ornativa permaneceu intata até a chegada das crianças. Logo que vieram da escola, puseram-se a devorar a natureza morta de nosso pomar doméstico, com a voracidade de aves de rapina indiferentes e frias.

* * *

FOME

Eram dois em minha porta, domingo bem de manhã. O mulatinho, esperto e bem falante; o branquinho, calado e arredio. Queriam comer. “Pão velho serve, seu moço”. Surpreendido ainda de pijamas, não tinha sequer saído para as compras. Achei um pão dormido que sobrou da véspera e nada mais além de margarina. Passei no pão e expliquei a eles não ter mais coisas para fazer um lanche. “Não carece não, moço. Tâmo com tanta fome...”

Estavam mesmo. E era tanta, que seus olhos brilharam de alegria e o pão dormido com margarina transformou-se, lentamente, em delicioso hambúrguer.

* * *

ÚLTIMA ESTAÇÃO

Mal o inverno começa e já o percebo pior, mais frio, mais difícil. Minha alquimia desgastada já não produz o calor necessário. Encolhido, acuado entre cobertores, nada me resta senão aceitar o fato de já não ser o mesmo de outros invernos. Terei envelhecido tanto? Não. As dificuldades não têm origem no estar mais velho. O que pesa não são os anos vividos, as dores sofridas, as oportunidades que deixamos escapar. A carga maior, que faz tombar os ombros e tremer o corpo, está em nossas recordações. Sentir fugir o passado a cada instante e, com ele, nossas particulares paisagens e sonhos, onde os amigos ainda passeiam de calças curtas; não encontrar o velho estilingue, oculto nas dobras do tempo, labirinto no qual todos nos perdemos brincando de amarelinha e no qual ainda permanecemos — minotauros aprisionados, embranquecidos, enrugados, desiludidos, desesperançosos. Estou, hoje, áspero como a estação que se inicia. Não é o sol que se afasta da terra. Eu, a cada ano, é que me aproximo de sua umidade, de seu apelo.

Na posse começa pelos pés gelados, transformando o sono irreal em noites de longo aprendizado para o sono verdadeiro, qualquer dia, definitivo inverno sem calendário.

Por ora, passarei estas noites em vigília, ouvindo o vento lá fora, fino como navalha, fazendo uivar os cães e doer meus nervos. Pela manhã, olharei seu rastro na geada e saberei que ele passou, levando folhas e gente. Serei novamente grato por ter me esquecido. Sei que um dia ele virá, glacial, bater em minha janela — fina lâmina a cortar o caule que me prende à vida. Então irei, folha seca de um longo inverno, bailando para nova primavera.

* * *

HOMEM

Estranho animal bípede que age como quadrúpede. Fala muito, ouve pouco. Cria os próprios problemas e acaba morrendo por eles. Vive em sociedade e odeia o vizinho. De Jesus Cristo a Sadat, matou todas as esperanças. Único arrependimento de Deus em toda a criação, foi expulso do paraíso por uma maçã e será expulso da terra por uma bomba.

Por todos esses predicados,
além de outros não citados,
acabou por ser entregue
à própria sorte. Consegue
ainda que isolado
estar só e mal acompanhado.

* * *

FOTOPATIA

Olhar um álbum de fotografias é maneira desagradável de recordar o passado. Sinto uma estranha sensação de estar manuseando o tempo.

* * *

PERFIL

Honesto, cumpria sempre o que prometia. Escrevia e falava bem. Não faltava a nenhum compromisso. Era a própria encarnação do político fracassado.

* * *

OBA

*“Eu me chamo Zé Tiogo
Maria me dá o fogo”.*

Este verso entoa no meu passado, faz um tempo danado. Vinte e cinco anos? Trinta? Ontem? Como dizer ao certo, com esta memória sem calendário? O copo quase cheio de pinga foi colocado no chão. Não dava para acreditar. O crioulinho franzino, de costas para o copo, colocou o chapéu em cima do balcão, ergueu os braços em posição de mergulho, foi se curvando devagar para trás até apoiar a palma das mãos no chão. Tomou a borda do copo firme entre os dentes e começou, lentamente, a voltar à posição normal, sorvendo toda a cachaça sem derramar. — “Oba”. Sobre as pernas arqueadas para os lados — qual vaqueiro errante vindo de intermináveis rodeios galopando no dorso da vida chucra e indomável —, balançava.

*“Lá em casa tem barata
sentadinha no banquinho
calçadinha de pragata...”*

Não fosse a minha memória ruim, lembraria o verso todo. Não importa a lembrança, o tempo que já teria ou não passado. O espanto é descobrir, hoje, o mesmo homem de não sei quando, indo e voltando a pé do sítio para a cidade, humana bateria de inesgotável energia. Pelo pouco que sei a seu respeito, passa os dias da semana cavando poço, como a cumprir eterna missão de dar de beber a quem tem sede. Não sei se ainda consegue fazer o número de contorsionismo para matar a sua e prefiro, sinceramente, não saber. Quero lembrar-me dele como o conheci: alegre, acrobático, cantando seus versinhos puros, pedindo, muito a seu estilo: — “Oba. Dá um cigarro aí”. Dou Zé. Dou o cigarro, dou o fogo, tiro o chapéu e rendo minhas homenagens a quem conseguiu cavalgar a besta desta vida tão rápido, tão seguro, deixando o tempo para trás, tão longe, que ele desistiu de tentar alcançá-lo.

* * *

ANDORINHAS NO TELHADO

Descobri, em uma dessas tardes-quase-noite — depois da janta, depois do café, ao meio de um cigarro preguiçoso e cismarento —, um ninho de andorinhas em meu telhado. Observei, nos dias que se seguiram, o trabalho nervoso do casal se revezando em busca de alimento. Estranhei, já neste fim de outono, estarem meus aéreos inquilinos isolados de seu bando, atrasados na migração rumo ao verão alegre e barulhento que anuncia o céu nas naves sagradas das igrejas. Desistiram da arribação junto com sua trupe cigana e chilreante? Terão deitado raiz em meu telhado? Cultivei, durante aquela semana, a secreta esperança de possuir um natural viveiro em minha casa. Conversei com elas muitas vezes, propondo dividirmos meu abrigo. — “Aqui existe paz e eu cultivo a felicidade. Minha aflição não ultrapassa o forro desta casa, nem vai além da porta de meu quarto. Ensaiei por longos anos meu sorriso. Aprendi a ser amável e atencioso. Trato a todos de irmãos. E isto tudo eu lhes ofereço”. Sentadas no fio elétrico, as duas avezinhas balançavam indecisas.

— “Olhem aí de cima esta cidade. Cada rua, cada quintal, abriga uma história verdadeira – ora alegre, ora triste -, sempre compartilhada pela tribo sedentária-solidária. Os homens, mais que as andorinhas, sozinhos nunca farão as estações. Os pardais já compreenderam e ficaram”.

Inúteis os meus apelos e oferendas. Mal os filhotes empenaram, partiram em busca do sol.

Deixaram como lembrança um ninho abandonado e uma lição de verdade: “*A liberdade é maior / que todas as oferendas. / Um ninho, um simples telhado / é nada perto do mundo, / Só quem tem asas descobre / a nova realidade / escondida atrás da vida*”.

Hoje, de minha varanda, fumando meu cigarro de paciência, acompanho o vôo vespertino dos pardais em busca de abrigo. Agasalhado, no rosto o frio vento de inverno, olho para o vermelho do sol no horizonte. De lá virá, por certo, um novo ano; com ele, novo verão, nos bicos das amigas andorinhas.

* * *

VÍCIO SECRETO

Todos têm o seu. Secreto, neste caso, é força de expressão porque, ainda que alguns sejam inconfessáveis, dificilmente conseguimos mantê-los ocultos a ponto de se tornarem segredo. Convém ressaltar ainda não ser minha intenção abordar

nesta crônica coisas como desejos mórbidos insaciáveis, dependência de drogas, desvios sexuais ou anomalias congêneres, atributos encontrados em personalidades psicóticas e bastante comuns em nossos dias. Meu interesse é todo voltado para o homem dito sociável e seus pequenos passatempos, que os americanos nos ensinaram a chamar de *hobby* e que eu, por discordância, chamo de vício secreto. É o jogo de baralho nos fins de semana, as rodas de amigos em mesas de bar noite adentro, as paqueras de mulheres, ainda que mulheres comprometidas, o futebol, um simples passeio com a família. Cada um de nós cultiva seu pequeno vício, herdado sabe Deus como, de nossos antepassados. O meu em particular, não é secreto nem inconfessável, embora eu nunca tenha falado sobre ele publicamente em minhas crônicas.

Hoje resolvi falar. Quem sabe se por sugestão de meu amigo Tó, quando me viu saindo furtivamente para uma pescaria; ou talvez pela observação de outro amigo, que acha ser programa de índio ficar sentado à beira do rio aguardando os peixes morderem a isca, enquanto os pernilongos mordem a gente. Ao primeiro eu esclareço que aceito confessar de público meu pequeno vício, mas nunca falar detalhadamente sobre ele e seus benefícios. Isto só iria interessar à Sociedade dos Pescadores Anônimos, popularmente ridicularizada como Associação dos Mentirosos Anônimos. Acreditem ou não, o peixe maior sempre escapa. Quanto ao segundo, digo apenas que, enquanto faço meu programa de índio, outros fazem seus programas de civilizados, não menos ridículos ou ingênuos.

No fundo, continuamos sendo a criança ansiosa por um prêmio, seja ele um peixe, uma bela mulher, um gol, um copo, uma trinca de ases, troféus efêmeros e ilusórios, incapazes de suprir esta grande solidão de indivíduos a que estamos condenados. É essa grande solidão que gera nossos pequenos vícios, posteriormente selecionados e cultivados pela personalidade neurótica de cada um. Agora que assumi publicamente meu outro eu, peço licença para encerrar a conversa e ir preparar a polenta. Segundo os ensinamentos de meu avô, quem dorme sentado não pega peixe.

* * *

A VINGANÇA DA MÁQUINA

Além de curioso, sou bastante teimoso. Estou sempre desmontando coisas e tentando consertar. Um gravador quebrado, um rádio mudo, torneira vazando. Ontem à noite, um velho despertador de quinze anos — desses que quase todo mundo ganha no dia do casamento para anunciar o dia seguinte com todas as obrigações contraídas no matrimônio —, após me atormentar todo esse tempo,

resolveu parar. Sentei-me à mesa da cozinha munido de uma faca e, qual médico legista, preparei-me para a autópsia. É verdade, meus amigos. Para mim, este caso era mais do que uma simples tentativa de conserto de máquina emperrada. Este despertador já havia adquirido direitos na família, como o cachorro, o passarinho e o filhote de pato que tentamos criar e que meu filho acabou esganando, de tanto apertar seu pescoço. Mas isto é outro caso. O despertador, como eu dizia, com o passar dos anos foi criando vida própria, roubada em longa convivência com as nossas próprias vidas. Conhecia, como ninguém, os segredos íntimos do casal. Dormíamos os três sempre juntos. Nas longas noites de insônia, ouvíamos seu coração metálico batendo dentro do quarto. Quando parou, aparentemente enfartado, tentei reanimá-lo com movimentos rápidos. Bati insistentemente na caixa protetora. Chacoalhei. Tudo em vão. Parecia ter morrido como morrem nossos animais de estimação: aborrecidos da vida em família. Dois parafusos na tampa traseira, após serem soltos com a ponta da faca, deixaram à mostra as entranhas da coisa. Rodas dentadas com dentes perfeitos. Cabelo também perfeito. Ordem mecânica intata. Saúde de ferro. Então, por que parou? Incapaz de diagnosticar sua “*causa-mortis*” aparente, comecei a mexer indistintamente nas vísceras metálicas daquele besouro mecânico doméstico. Sem eu saber como, reiniciou, de repente, suas batidas vitais. Ressuscitara independente de minha ajuda. Fechei-o cuidadosamente e coloquei-o no lugar de costume. Não resolvi, até agora, o enigma. Por que a súbita parada cardíaca? Tenho a impressão de que só parou para pôr à prova nosso amor para com ele. Como um filho mais velho que se sente rejeitado com a chegada dos mais novos e acaba fazendo loucuras para chamar a atenção. Creio que tentou o suicídio e eu o salvei com meus cuidados. Ou, então, queria zombar de mim. Fingiu-se de morto, deixou que eu olhasse suas entranhas ainda perfeitas, mostrou-me seus dentes, seu cabelo, fez bater novamente seu pequeno coração, apenas para lembrar a esta imperfeita máquina humana, de ralos cabelos e dentes remendados, quão frágil é a nossa vida, vida da qual ele se alimentou por todos esses longos anos e da qual ainda se alimenta, a cada minuto, sugando o pouco tempo q eu nos é legado, qual um vampiro, um parasita, um despertador, uma coisa.

* * *

FINADOS

Domingo, dia de finados, acabei fazendo uma visita inesperada ao cemitério. O pessoal lá de casa achou que deveria acender velas aos nossos mortos e lá fui eu, meio de arrasto, cumprir uma obrigação, confesso, não muito agradável. Sempre achei ser o último lugar onde se deva ir, se não para ficar. Depois, como dizia

minha avó, quanto mais se lastimar um morto, mais sua alma ficará vagando penada “pela aí”. O próprio Mestre dizia aos discípulos para deixarem os mortos enterrarem seus mortos, nos alertando que em vida é que eles deveriam merecer nossa atenção. Acontece que tradição é tradição, e com ela, mais o povo, fui parar dentro do campo santo, última morada, cemitério. Cabe ao leitor escolher a denominação que mais lhe aprouver. Enquanto aguardava os de minha família rezarem e acenderem velas, fui lendo as inscrições dos túmulos vizinhos. É interessante notar o quanto os mortos estão realmente mortos. Principalmente em nossa memória. Acabei por descobrir amigos e conhecidos dos quais eu já tinha me esquecido completamente. Pareciam nunca terem existido. Caía uma chuva fina, insistente. Por instantes, acreditei serem os mortos pranteando nossas vidas. Para evitar novas associações de idéias extraterrenas, que fatalmente me levariam a uma crise de necrofilosofia, procurei me distrair lendo os escritos sobre as virtudes dos finados.”Exemplo de fidelidade conjugal”. “Amor fraterno”. “Em vida, só praticou o bem”. Ora, isto até que me deu uma certa tranqüilidade. Não encontrei, por mais que eu procurasse, um só escrito que dissesse: ”Foi um canalha. Teve o fim que mereceu”. “De tudo que roubou, nada pôde levar”. “Traiu a esposa e todas as amantes”. Conclui que ali só estavam enterrados pessoas de bem, o que colocava meus parentes em ótimas companhias. Os ladrões, os maus-caráteres, os traidores, por certo foram destinados a valas comuns, sem direito às homenagens póstumas que ora prestávamos, até com certa alegria, por vermos nossos antepassados devidamente instalados em casas próprias, sem dívidas do BNH, legítimos proprietários de seu lote de terra, isentos de Imposto de Renda, sossegados, eternos.

Ao sairmos do portão de volta à vida, meu filho pediu pipocas. A realidade estava instalada do lado de fora com barracas, carrinhos e um burburinho que me lembrou quermesse. Enquanto esperava o troco observei, por alguns segundos, uma família inteira na barraca ao lado, feliz da vida, chupando melancias.

* * *

VIROSE

Como o nome parece dizer, não é uma entorse no pescoço que deixa a cabeça virada para o lado; também não é uma doença do fígado. Pelos meus humildes conhecimentos, penso tratar-se de uma denominação dada a uma doença sem denominação. Complicado? Vejamos se eu explico: quando se tem uma febre marota, sem causa aparente, providencia-se um hemograma. Se este não acusa nada, ou melhor, parece normal, é porque tem um vírus, geralmente indefinido. Como é indefinido, não tem nome. Então, para ficar tudo mais fácil, apelidaram a coisa de

“virose”. — “E daí?”, dirá, com toda a razão, o paciente leitor.”Se não sabe do que está falando, fique calado, em respeito ao sofrido saco do pobre. Essa coisa deve ser doença de rico”. Não é não. Foi com um troço desse que acabei no hospital, inquilino do quarto 16, terceira cama junto às janelas. Ainda bem que tive a felicidade de estar entre amigos, desde o primeiro momento. Para comemorar minha chegada, abriram vários litros de soro. Só eu tomei logo uns quatro. Lá pelas tantas da madrugada, como estávamos por conta do INPS, partimos para as picadas, abalando o estoque de injeção da casa. Ah, meus irmãos, as conseqüências da orgia são perturbadoras. Vou contar melhor. A febre se misturou com os remédios e eu pirei de vez. Dormi com uma preocupação virulenta de estar contaminando todo o hospital, o que acabou me levando a um delírio kafkiano. Eu era um enorme vírus caçado e perseguido nos quartos e corredores, pelo médico com um lança-chamas e enfermeiros com pulverizadores mortais. Encurralado na sala de cirurgia, sem saída, senti o calor do lança-chamas se aproximando cada vez mais do meu rosto suado. Acordei enrolado em um lençol molhado, já sem febre e sem o soro, na cama do quarto 22, para onde fora transferido na véspera. Havia, na sala em frente, uma celeuma entre enfermeiras e funcionários. Alguém travara o relógio e ninguém podia marcar o cartão de ponto. De resto, recuperado, pude pela primeira vez respirar a santa paz da Santa Casa, na alegre companhia de todos os meus amigos que aqui passam a maior parte de seu tempo lutando para nos devolver a saúde perdida. A todos eles dedico esta crônica virulenta, antibiótica e hemogramática, escrita enquanto aguardava alta para dar baixa.

* * *

EM CIMA DA HORA

O título não é bem sugestivo para uma crônica. Parece mais nome de uma escola de samba do segundo grupo. Mas é o mais próximo da realidade. Aconteceu de eu trabalhar durante cinco noites e duas vesperais de carnaval soprando o velho saxofone, em busca de mais uns trocados para reforçar o salário debilitado e anêmico, privilégio conferido aos cidadãos que teimam em viver trabalhando para os outros. Conseqüências: uma quarta-feira de cinzas nebulosa — que eu não tenho mais a energia dos vinte anos — , aliada a uma semana curta, de muita correria. Adicionando um cansaço de quatro décadas pesando no lombo, dá para imaginar a falta de vitalidade para escrever qualquer coisa. Quando acordei e dei por mim, lembrei-me de que não havia escrito nada para a minha coluna do jornal e já estava em cima da hora. Pelo menos o título eu já encontrara. E o assunto? Carnaval, é

lógico. Os jornais, as revistas e a televisão não falaram sobre outra coisa. Todo mundo ficou sabendo das escolas vencedoras, da brigas, dos assaltos, dos crimes, das mortes nas estradas. Paramos o país por cinco dias para pintar a cara, encher a cara, quebrar a cara, esquecer o quanto a vida é cara. Se possível, esquecer a cara-metade, em troca de uma cara inteira, ainda que seja por pouco — como um sonho, ou vago sentimento de liberdade cheirando a lança-perfume. No fundo é uma repetição figurada de nossa própria realidade, na qual vivemos a sambar mascarados por falsas ilusões — colombinas e pierrôs perdidos na multidão em atropelo, pelas avenidas deste carnaval maior e seus domingos de cinzas. No final desta grande folia, a certeza de uma longa quaresma trazendo a redenção nos seus longos dias de cinzas e jejum, com todos os foliões rendidos à porta do clube celeste, curtindo uma enorme ressaca da vida. Que isto nos aconteça em boa hora. Nunca em cima da hora, como esta crônica acanhada, achada ao acaso escondida entre restos de confetes e serpentinas.

* * *

MUDANÇA

Mês passado mudei de casa novamente. Pretendo seja a última mudança nesse mundo de Deus. Aproveitei a ocasião para fazer um pequeno balanço das inutilidades acumulada em armários e guarda-roupas. O jogo de cristal, presente de casamento, guardado há quinze anos para o dia especial que nunca chega; talheres de prata, ridículos e incompatíveis com nossas refeições humildes, ocultos na caixa de veludo vermelho; roupas sem uso, já fora de moda, vestindo apenas nossas lembranças e guardadas para, um dia, ilustrar e fazer renascer as recordações dos velhos que estão chegando, sorrateiros, pelas nossas costas. Aqui, a caixa de brinquedos das crianças. São inumeráveis carrinhos, bonecas, aviões, para nós adultos, estranhos e inúteis objetos, embora necessários componentes do mundo particular de nossos filhos. Há que se falar da parte útil e indispensável: o velho fogão e suas panelas, a geladeira manca e seu calço, o jogo de sofá reformado e suas poltronas, os armários e suas xícaras, o jogo de quarto e sua cama. Todas essas coisas acumulam pó, criam teia de aranha, abrigam cupins, grudam em nós e nós as arrastamos todas, vida afora, a cada mudança, como um pesadelo indispensável à nossa sobrevivência. Por tudo isso é que pretendo, como disse de início, seja a minha última mudança. Esforçar-me-ei, por ora, para conviver pacientemente com todos esses cacarecos juntados durante esta sofrida existência. Hoje, arrumados em seus devidos lugares, dentro da nova casa, formam o museu particular da família, ainda que, no íntimo, minha vontade é por fogo em tudo. Ser livre da escravidão

dos objetos abjetos. E, mais tarde, quando tiver de mudar novamente, mudar com o corpo e a alma. Melhor ainda: mudar só com a alma. O corpo, este pobre corpo, já tem sua futura mudança garantida em particular armário de alças, sob medida, e será destinado a um lugar reservado às coisas sem destino.

* * *

NATAL

A gente passa o ano inteiro quebrando a cabeça para escrever o cantinho do jornal. Entra mês, termina mês e, de repente, chega dezembro. Prometo e juro, de pés juntos, que não falarei sobre o Natal. Todo mundo já falou, e tanto, que o resultado seria mais uma crônica vulgar, cheia de lugares comuns. Mas aconteceu, e de maneira estranha. Meu filho chegou e perguntou, incisivo, se eu acreditava em Papai Noel. Perguntou com a convicção de quem não acredita. As crianças de hoje, bem informadas, vivem uma terrível realidade e sabem de tudo. Inútil tentar engana-las com histórias de cegonhas, papais-noéis, sacis e outros bichos. Conscientemente, eu também sei que nada disso existe. Mas o problema maior é o subconsciente. Lá é que estão enraizadas as minhas crenças. Lá vive um Papai-Noel de barbas brancas, aquele que, no meu tempo, descia pelas chaminés e deixava um cavalo de pau, um caminhão ou uma bola de capotão, sobre nossas pequenas botinas colocadas em cima do fogão de lenha. Negar isso agora, a viva voz, seria o mesmo que matar de uma só vez, todos esses fantasmas que habitam o porão desta velha carcaça, sustentada por tolas ilusões herdadas de um tempo no qual era permitido sonhar. E se eu disser que acredito? Meu filho poderá comentar com os amigos que o seu velho está por fora. No fundo, poderá até duvidar de minha sanidade. Pensando em todas essas coisas, recuso-me a falar sobre o Natal. O muito que posso fazer é colocar meus sapatos, às escondidas, atrás do fogão. Sei que no dia seguinte eu os encontrarei vazios. Mas reviverei uma antiga noite de ansiedade e insônia, que meu filho nunca poderá compreender.

Já que entrei no assunto, convém falar sobre a passagem do ano. Se não o fizer, alguns leitores poderão me achar indiferente, frio, alheio à alegria que renasce

todos os anos ao badalar da meia-noite. Viram? Já caí no lugar comum, como cairemos todos, logo na véspera. Iremos nos reunir em casa, na casa de nossos pais ou de nossos irmãos. Comeremos, beberemos, desejaremos feliz ano novo. Que o próximo ano seja cheio de boas realizações. Mas as festas passarão e nós voltaremos à nossa rotina, como no ano velho. As coisas continuarão a não dar certo como desejamos. Trabalharemos mais para ganhar menos e, no final do novo ano, como um videoteipe as festas se repetirão monótonas e nós repetiremos os mesmos votos do ano anterior, quais bonecos movidos a pilhas de esperança.

PORTUGUÊS CASTIÇO

Não, meu amigo. Não se trata da história de um senhor lusitano casto e mestiço, como poderão insinuar alguns leitores menos avisados. Ultimamente, tenho tomado o cuidado de prestar esclarecimentos ao início de minhas crônicas, para evitar equívocos com relação a título. Falo sobre a língua pátria, o português falado no Brasil, pesquisada exhaustivamente por mestre Aurélio e condensada em volumoso dicionário cujo uso, pasmem, já é de se colocar em dúvidas, diante do rumo que está tomando nossa prosopopéia. Leio o jornal: Experts em mídia e marketing, reunidos em animado cocktail no hall do Holliday-In assessorados pelo public-realtions da VI FENIT, debateram todo know-how em out-doors. Em rápido flash-back, com vistas à promoção dos stands da próxima UD, foi mostrado um pot-pourri gravado em videotape, reunindo lançamentos anteriores, desde o prêt-à-porter, jeans, band-aid, ultra-light, king-size, expostos no ano passado em drive-ins, night-clubs e drugstores. Presentes ao encontro, figuras exponenciais do jet-set nacional, as quais *ad cautelam*, não participaram desse verdadeiro affair de connaisseurs, sui generis, aliás, conforme observou uma star da alta costura tupiniquim. Terminada a petite avant première, seguiu-se um segundo round sobre a alta do dólar, overnight, o open e o rush da bolsa na semana passada. Quando o scotch descontraíu de uma vez o papo, falou-se sobre um check-up noturno nos campings, a ponto de permitir a livre prática do swing, ménage à trois, sex-appeal, unisex, sex-agenário, que sei eu.

Leio isso nos jornais brasileiros, desconfiado da nova língua pátria escorreita e castiça que querem nos impingir, colocando em desuso, como disse de início, o volumoso trabalho de mestre Aurélio. Enquanto tudo isso acontece, continuamos preocupados em corrigir o falar mole e doce de nosso caboclo, quando explica que “Nóis demoremu praque fumu inté o calipá”. Poderá soar como aberração aos ouvidos finos de nossos intelectuais, mas é uma aberração gostosa, nossa, perfeitamente entendível, insignificante quando comparada ao linguajar que hoje os

jornais nos oferecem. Invadidos pelas multinacionais, recuamos. Invadidos pela música alienígena, calamos. Corremos atrás da cotação do dólar e nunca alcançamos. Agora, com o novo vocabulário jornalesco, somos obrigados a correr atrás de novos dicionários. Corremos tanto que, no final, tenho certeza, exaustos e cansados, acabaremos ficando com a língua de fora.

* * *

PRÁ VER A BANDA PASSAR

as crianças saíram nas calçadas batendo palmas e dançando. Prá ver a banda passar, os homens e as mulheres saíram de suas casas e, quase sem perceber, ficaram olhando enternecidos, de mãos dadas, como a receber um repentino banho de juventude que transformou em alegria a tristeza da longa solidão a dois, construída por antigos calendários e mechas de cabelos descoloridos. Prá ver a banda passar, o povo abriu passagem e aplaudiu o dobrado ritmado em prenúncio de ressurreição. Prá ver a banda passar, os anjos interromperam os cânticos de aleluia e o Senhor sorriu uma bênção de remissão dos pecados eis que, naquele instante, a música ungiu o povo como uma grande bem-aventurança.

Tenente Cid Olivetti, Capitão Caçula, Morais Sarmiento, Baptista de Mello, Dois Corações. Nomes de cidades? Não. Melodias mágicas que nos levam a viajar no tempo, a um simples toque da batuta do maestro, libertando de nossa alma oprimida a criança que havíamos perdido pelos caminhos do desencontro.

O Baixo-Tuba que ronca
parece estar dando a bronca;
o bumbo marca a cadência
de acordo com a regência;
tinem os Pratos. A Caixa
repica e depois abaixa;
o Bombardino inicia
suave, a melodia;
contra-cantos de Trombones
fugas de saxofones;
vibram alegres as palhetas
no solo de Clarinetas;
Pistons — no forte com brilho —
atacam o estribilho
e a rua toda é ciranda

quando vê passar a banda.

Depois que a banda passa, a vida recolhe a criança por instantes libertada e a realidade se instala novamente dentro das casas.

Jornal aberto nas mãos, delgado fio de melodia insiste nos ecos da memória em dissipação, despertando estranho pressentimento de que a morte há de ser uma grande alvorada de marchas e dobrados e que, amanhecendo para um novo dia, acordaremos livres e descompromissados prá ver a banda passar, definitivamente.

* * *

FINAL FELIZ

Posso até adivinhar o que terá passado pelas cabeças dos leitores mais afoitos, ao se depararem com o título escolhido para esta crônica. Meus amigos fiquem tranquilos. Quem lhes fala não é um ardoroso fã de Rita Lee, nem um dos milhões de pacientes seguidores dos dramas melosos — servidos em rações diárias de mesmices — elaborados com aparato e pompa pela aldeia dita global.

Minha intenção, embora com uma semana de atraso, é simplesmente, humildemente, desejar que todos tenham passado as festas de Natal com alegria e saúde e um término de 82 de final feliz, tomando champanha, cerveja, ou mesmo chupando drops de aniz, porque o espírito do Natal renasce a cada ano, independente do sabor que a mesa possa nos oferecer, ou mesmo dos presentes que o dinheiro nos permita comprar. A paz não é dada somente com a mesa farta e a árvore rodeada de pacotes enfeitados. Há que se ter uma alma limpa e um coração aberto, a mão estendida e uma palavra amiga, um sentimento puro e uma ternura antiga, para ressuscitar o Papai Noel escondido em nossa infância madura. Da mesma forma, insisto em desejar que todos tenham conseguido um final de ano feliz ao invés de — como é costume —, desejar um feliz ano novo.

O ano novo é incerto. Qual de nós poderá afirmar que irá vencer a próxima etapa sem um tropeço, uma dor, um desengano, se a vida nada mais é do que tudo isto disfarçado de esperança? Quantos não terão lutado além do que suas forças permitiam, para chegar inteiros até agora, mas escondendo no as cicatrizes amargas acumuladas ao longo da infundável batalha?

Bem-aventurados os que chegaram ao final deste ano com vida e puderam comemorar — com a família, com os amigos, no reveillon do clube ou na simples mesa de um bar —, não a chegada de um ano novo, mas o término de uma pequena parcela desta nossa breve existência, confinada entre algarismos romanos e arábicos de relógios e calendários que, insistentemente, consultamos na eterna pressa de

continuar mais um pouco, procurando nos esquecer de que já existem marcados dia e hora para um final maior, o último capítulo do direito de nascer, gravado ao vivo e sem repenico.

Adeus ano velho. De ti, levo comigo as melhores recordações — tênue facho de luz a iluminar o caminho deste novo abismo no qual me precipito.

* * *

FRAGMENTOS DA ANTEMANHÃ

1) Misteriosos estes sons do passado que retornam — metálicos e sobrenaturais — nas horas mais difíceis de nossas noites. Batem no sono, atravessam as pupilas dilatadas, vazam das pálpebras, vibram nas paredes, persistem. Os ecos aderem como casca na ferida, sangrando quando arrancada, marcando na cicatriz o eternizável menino do qual salvou-se apenas o homem, desesperado besouro a debater-se contra o cristal que aos poucos vai se partindo, até arrebeitar no encontro final do ciclo irreparável e geocêntrico.

2) Sob a luz do abajur olho o relógio. São três horas e a madrugada tarda. Antes que o galo cante me negarei três vezes, cinco, talvez nenhuma, sabendo que a madrugada é luz, antes de bálsamo, e o cantar do galo prelúdio de um canto fúnebre gravado na antemanhã e ouvido no dia da véspera.

3) A luz projeta disforme sombra na penumbra. Hesitante figura declina ante a possibilidade do irreal provável, palpando no rosto mole a lassidão trêmula da pele que se dobra obedecendo o corpo curvado e indeciso.

4) Menino e homem, incorporados na dualidade única da carne vincada, coexistem pacificamente na insana luta, se aceitam e se revezam, penugem-pelo, estingue-arma, valentia-humildade, virilidade-fraqueza.

Todas as esperanças são improváveis fora do tempo que escorre do calendário escondido atrás da porta — aranha, escorpião, vil serpente —, matando os nossos sonhos com delicado veneno.

6) De novo urina na cama, comida posta na boca e mascada na gengiva, marcas recentes de baba na camisa passada e limpa. O homem que se vai, não o feto que retorna.

7) Estranhos estes sons do passado presentes em nossas noites, prenúncios de vidas que se revezam no escuro do quarto, enquanto nossas mentes, translúcidas, tecem as probabilidades de um outro mundo, para além dos limites da fralda banca e do terno escuro onde, equivocados, nos confinamos e, arrependidos, nos penitenciamos.

* * *

DECISÃO

Em matéria de futebol, sou fanático por uma pescaria. Não que eu nada entenda do assunto. Joguei futebol, conheço as regras e, desde menino, tenho grande simpatia pelo tricolor do Morumbi.

Acontece que minha paixão futebolística terminou logo no primeiro dia que fui ao Pacaembu assistir ao jogo Brasil e Portugal, nos áureos tempos de Pelé. Sofri como bode embarcado e jurei nunca mais. Fiquei com a pescaria por ser um esporte tranqüilo e menos perigoso. No entanto, com a chuva de sábado à noite, a pescaria programada para o domingo foi por água abaixo. Frustrado, me conformei em ficar preso em casa assistindo à grande final do campeonato paulista entre Coríntians e São Paulo. Mas, como o mar não estava mesmo para peixe, engoli a vitória do coringão, aliás, bastante merecida. A renda andou aí pela casa dos sessenta e cinco milhões, com público pagante de aproximadamente sessenta e cinco mil espectadores, segundo as palavras do locutor encarregado de narrar o espetáculo.

Um torcedor morreu ao cair da arquibancada e uma senhora foi internada com enfarte do miocárdio. A Avenida Paulista foi invadida pelos fanáticos da fiel e o Fantástico estava lá para mostrar, ao vivo. A alegria da massa veio à tona, mesmo com o Brasil indo ao Fundo.

Afinal, somos o país do futebol e, o que interessa é bola — não peixe — na rede.

Único azar: o meu, que acabei jogando fora a polenta e guardando a quirera depois de ver os dois gols — um do Biro-Biro e um do Casagrande —, o que veio a me convencer, mais uma vez, que a grande jogada é mesmo ir, de qualquer jeito, pescar no próximo fim de semana. Se chover, tiro o meu time de campo.

* * *

CARTA DE CONVOCAÇÃO GERAL (com pretensão de poema)

Caro amigo Mário Fila, jornalista do letrado, bardo maior da província, político respeitado; fale com Gerson de Marco — que além de Marco no nome, foi marco também nas letras e marcou como poeta —, para ajudar um amigo, que ficou

aqui embaixo, desamparado e aflito, necessitando urgente, convocar todo o talento, dos amigos que agora, moram na eternidade, prá auxiliar a festança, do povo desta cidade.

É o Sesquicentenário e o dia da Padroeira; mais que nunca é necessário, reunir logo a moçada, todos filhos da cidade, abaixo-relacionados, com suas habilidades:

Caetano:

puxador de samba afamado
no repente batucado
das fogueiras um perito
mestre de mastro arretado.

Maestro Quique:

batuta na batuta
ritmando o dobrado
retratando na retreta
a alma e harmonia
do povo do povoado;

Lazinho Careca:

falador e fogueteiro
na mão rojão e morteiro
de braço erguido explosivo
na procissão o primeiro;

Padre Orestes:

que oraste
pro-nobis por tanto tempo
na missão de missionário
dedicado à sua messe;

Chiquinho Rodrigues:

prendado leiloeiro
apregoando suas prendas
como ainda ninguém fez:
— “Quem dá mais? Dou-lhe uma
dou-lhe duas dou-lhe três”.

Maximiano:

cantador de tômbola
de vasta prosopopéia
cada pedra que saia
virava onomatopéia:
—”Dois patinhos na lagoa
justiça de Mato Grosso
é ele, de qualquer jeito
Mucufe José de Paula”;

Galetinho:

mestre-cuca cozinheiro
rei do assado confeitoiro
sal na medida pimenta
azeitona na farofa
chegado a uma galhofa
nos doces só igualado
pela inocente Inocência.

Clamamos vossas presenças.

Venham em nosso auxílio, iluminando os festeiros, a comissão, os devotos, e este humilde cronista, que organizou esta lista, e usou escrever a carta, com pretensão de poema.

Sem mais vou me despedindo, certo da vossa atenção, ao apelo que ora faço. Recomendações a todos, e um demorado abraço, do amigo que o estima, e espera um dia estar, com todo o mundo aí em cima.

* * *

O CASO DA SAMAMBAIA

Uma orgulhosa samambaia, dependurada na varanda, exhibe seu comprido leque de folhas crespas indiferente ao futebol de rua da meninada do bairro. Na tarde poente de verão, resplandece primaveril — tal o zelo que lhe dispensava a senhora da casa. As folhas escondem o vaso, a terra e as raízes. Sua vaidade é verde na tarde ensolarada e, doidivanas, se agita ao toque da brisa, rainha entre as

folhagens. Por ela, o coração vermelho do antúrio palita em flor, despertando o ciúme das azaléias e orquídeas em botão.

Alheia à algazarra da molecada da rua, pensa sua beleza longe da convivência com as plantas humildes da casa. Sonha trocar a varanda abafada da casa pelas passarelas das estufas, e o barulho da rua pelo burburinho das grandes exposições. Efêmero seu sonho. A bola, vinda da rua, partiu o vaso e esparramou a terra, deixando suas raízes expostas aos calcinantes raios do sol refletido nos ladrilhos aquecidos. Ausentes os donos da casa, ficou agonizante e desamparada, murchando e perdendo o viço ante os olhares rasteiros e indiferentes das gramíneas e tiriricas que insistiam em medrar no canteiro onde reinava a rosa.

Quando a empregada chegou ralhou com a molecada, pegou a pá e a vassoura e começou a varrer o chão, cantarolando um samba que diz no refrão: “eu vou te contar um caso, eu quebrei o vaso e matei a flor”.

Hoje, o antúrio já olha insistentemente para a orquídea, agora a preferida da senhora da casa; a molecada, espantada, joga futebol na travessa ao lado e a vida, com ou sem samambaia, continua verde na varanda ornada de vasos.

* * *

ENTRE A LENDA E A VERDADE

— Quem passa sozinho no Jardim Velho, depois das dez da noite, perde o caminho de casa; fica desvairado, sem juízo, só acorda e toma tento quando pisa na terra do cemitério.

Imaginem o calafrio de medo que experimentei ao ouvir, ainda criança, estas histórias contadas pela boca de meu avô — que Deus o tenha —, o qual, além da minha admiração, merecia o meu respeito e credibilidade.

— Quando eu era guarda-noturno municipal... E desfiava uma comprida lista de “causos”, com detalhes e nomes de pessoas que se perderam e só voltaram a si no campo sagrado do cemitério velho.

— É que tem do lado da figueira, um padre e uma freira enterrados. Passou perto, tá perdido.

Passar perto? Eu não passava nem longe. Dava uma volta danada, evitava aproximação, fazia o sinal da cruz na testa. Era, naquele tempo, minha verdade maior. Quando a verdade é sobrenatural, escapa ao nosso conhecimento e vira lenda. Falávamos dela temerosos, em voz baixa, o suficiente para mantê-la viva entre os de minha geração.

Com o passar dos anos a lenda foi perdendo força, foi minguando e desapareceu na confusão de carros e motocicletas, na carência da palavra de contar — grudada no céu da boca pelo chiclete ruminado —, esmagada pela nova realidade de jeans, sandálias e indiferenças.

De tudo, só a figueira permanece, vetusta e acolhedora. Os fantasmas morreram, há muito tempo, de tanto rasgar as longas camisolas brancas nas antenas de televisão, que tornaram impossíveis suas investidas noturnas, em vôos rasantes, sobre os incautos que ousavam se aventurar em seus domínios. Exorcizado pelo progresso, o velho jardim passou a servir de abrigo aos casais possuídos pelo fantasma do amor e já não mete medo como antigamente. Podemos, a qualquer hora da noite, atravessá-lo sem o menor perigo. Quando digo ‘podemos’, quero dizer “você podem”. Eu, se não for extremamente necessário, desvio e dou uma volta danada.

* * *

O FORTE SEXO FRÁGIL

Ao acaso de uma manhã de domingo — dia reservado pelo Senhor para o merecido descanso dos mortais —, ponho-me a observar os acontecimentos matutinos que me cercam e, por analogia, começo a imaginar os movimentos de uma casa que vai despertando, a princípio lentamente, para explodir, em segundos, no desesperado vai-e-vem da mulher, acudindo como pode aos apelos das crianças, catando sapatos, camisas, calças, maldizendo o leite derramado no fogão, pedindo socorro ao marido: ”Aqui ninguém me ajuda. Eu sou o burro de carga”.

O marido, ainda fardado de pijamas e chinelos, resmunga na fumaça do cigarro, os olhos inchados por acordar mais tarde — oito horas —, achando um saco ficar em casa aos domingos e jurando que domingo que vem vai sair logo cedo porque trabalhou a semana inteira e não tem o direito de descansar em paz.

— “Mãe, quero leite”.

— “A senhora passa a minha blusa? Vou à missa com minhas amigas”.

— “Mãe-nhê, cadê meu sapato novo?”

— ”Hoje meu irmão vem almoçar aqui em casa. Vê aí o que precisa comprar. É melhor começar o almoço mais cedo. As crianças têm fome logo às onze horas”.

Domingo de folga, domingo de lazer, domingo de todos, menos da incansável dona-de-casa, sem horário, sem carteira de trabalho, sem fundo de garantia, sem salário, sem férias, no entanto tão cheia de resignação, paciência e compreensão.

Chega o irmão trazendo mulher e filhos. Caipirinha com gelo, tira gosto de azeitona e queijo quadrado, crianças correndo pela casa, televisão ligada, futebol, política, arroz queimando na panela, almoço na mesa, cerveja e guaraná, panelas amontoadas na pia, talheres e pratos para lavar.

Palito dançando na boca satisfeita, os homens bocejam na sala e cochilam acomodados no sofá. Afinal, amanhã é segunda e haverá fila nos bancos, contas a serem pagas, negócios a serem resolvidos. Trancada na cozinha, já ao final da tarde, a paciente dona-de-casa enxuga o verniz dos pratos soltando um suspiro profundo, igual ao suspiro d'água sumindo pelo ralo da pia. Afinal, amanhã é segunda e haverá um cesto enorme de roupas para lavar, uma casa para limpar e novo almoço prá se fazer.

Com um sorriso no rosto serve para as visitas um cafezinho quente, passado na hora, essa para quem olho com carinho e peço que nunca me desampare em minha fragilidade de sexo forte.

* * *

CIDADÃO PAULISTANO

Nada o deixava mais irritado do que paletó e gravata. Trinta e oito graus, asfalto quente em pleno viaduto poluído. Para o almoço, somente uma hora. Percorria, todos os dias, o mesmo trajeto de ida e volta. Atravessava o viaduto e descia a escadaria até o Anhangabaú, em busca de uma comida mais barata em uma pensão na Praça do Correio. Voltava de barriga cheia, sempre atrasado, e subia os degraus, dois-a-dois, passo acelerado, cigarro no canto da boca. Quarenta e cinco anos, gordo, contas que nunca conseguia pagar e uma lustrosa careca onde alguns fios de cabelos renitentes insistiam.

Ultimamente, a preocupação com a saúde não lhe saia da cabeça. Tentava esquecer se enganando: "Hipertenso, eu? Aquele doutorzinho lá da firma, formado outro dia, não está com nada. Dieta alimentar!... pois sim. Pobre tem é de comer bosta. É fácil dizer: tire umas férias; faça uma estação de águas; coma bastante legumes e verduras; frutas também é bom. Como se tudo isso fosse simples, com este ordenado de merda".

Já se encontrava ao meio da escadaria, em seu caminho de volta, camisa molhada grudada ao corpo e a roda de suor no paletó. Sentiu falta de ar. Afrouxou, com dificuldade, o laço da gravata e soltou o colarinho. Procurou um lenço para enxugar a face líquida. Sempre apressado, esquecera-se do lenço. Passou a mão pela testa e pelo rosto sabendo a sal — carne gorda de sol secando no telhado em ruínas. Tentou se acalmar respirando fundo. Pensou no cartão da loteca: “Qualquer dia acerto e faço a quina. Vou mandar o patrão enfiar o escritório no rabo, com secretária e tudo; cara-a-cara, enfrentar seu olhar de rapina; com um soco, ferir a ponta da faca. Eu chego lá. Depois, vai ser calção e chinelos de dedo para o resto da vida”.

Reiniciou a subida. Já no viaduto, sentiu a vista turvar. As pernas fraquejaram. Agarrou com as mãos o grosso cano do parapeito tentando manter-se em pé. As mãos, untadas pela gordura do rosto, deslizaram no metal. Arreou de uma só vez, batendo a cabeça no canto vivo do cimento. Enquanto desfalecia, ainda pode ouvir comentários distantes. Coisas assim como: “bêbado a esta hora! Vai morrer cozido nesta calçada quente”.

O médico desceu da ambulância, examinou o pulso e o profundo corte na cabeça. Comentou com o enfermeiro: “Pura falta de sorte. Com tanto espaço em volta para cair, acabou acertando a quina”.

PER OMNIA SAECULA SAECULORUM

Pela manhã, a ritual rotina de todo o despertar: banho, barba, escova nos dentes, pente nos cabelos, olhos vermelhos de sono inspecionando o rosto. Recendendo a sabonete, desodorante, dentifrício, loção e vestindo os panos convencionais, rejuvenesço um dia mais velho. Água com açúcar no fogo bulindo na caneca agitada, logo café no escaldar do pó, meio doce ou meio amargo que eu nunca acerto a quantia, fiel que sou aos meus pequenos erros. Pela janela percebo que o esgoto continua entupido. A água brota do cimento gordurosa e matinal. Ao redor da água salobra moscas em concílio discutem a eficiência dos novos inseticidas. Relembrem casos de emboscadas com aranhas e lagartixas, trocam informações sobre estratégias de fuga e autodefesa. A procissão de formigas recolhe sua ração de açúcar deixada cair, por descuido, em cima da pia. Ordeiras e educadas confidenciam coisas do formigueiro. Me lembram gueixas, tantas as medidas que trocam entre si. O cachorro arranha a porta pedindo para sair ao quintal. Irá cheirar e mijar nos mesmos lugares de sempre, enquanto eu me dirijo à varanda para

apanhar o pão e o leite. Isto, eu e meu cachorro repetimos todos os dias como dois animais de Pavlov de reflexos perfeitamente condicionados.

Último ato antes de sair é o de colocar a lata de lixo na calçada.

Nela deitamos nossos restos, que fazem a felicidade dos cães vadios que sempre se antecipam à organização municipal de coleta de inutilidades. Ninguém mais do que esses pobres cães, sabe o ensinamento implícito no popular: "Deus ajuda quem cedo madruga". Antes de sair para o trabalho verifico a porta da rua: fechada. Coloco a chave no bolso e vou caminhando pela calçada estreita. Amanhã, eu e minha comunidade adestrada faremos tudo de novo, pacientemente, com mútuo respeito, como se fôssemos viver por todo o século. Em meu trajeto vou cumprimentando cordialmente os amigos e os pardais, com a falsa alegria de quem acredita estar vivendo no paraíso.

** *

CALOPSITA

Meu filho gritou da calçada, insistentemente, para que eu fosse ver uma cacatua no fio da rede elétrica em frente à minha casa. , quando saí, já estavam reunidas algumas pessoas dando palpites. Como me considero bicho do mato e conhecedor de aves, afirmei tratar-se de um periquito, não de uma cacatua, o que foi aceito por todos. Posteriormente, com o desenrolar dos fatos, este acontecimento veio confirmar minha ignorância passarineira.

Com uma vara de pescar e muito jeito, eu e meu filho conseguimos pegar a avezinha sem nenhum trabalho — uma vez que ela se mostrou mansa e acostumada com a presença de pessoas. Ficou, de imediato, acordado tratar-se de uma ave doméstica, criada em cativeiro, dada a sua passividade. Também houve unanimidade entre os presentes que ela deveria pertencer a alguém cujo filho (ou filha), estaria chorando porque o pássaro de estimação fugiu. Como encontrar o anônimo e aflito proprietário? Procuramos nas páginas do último número do jornal da cidade. Nenhuma nota de desaparecimento. — "A rádio", lembrou um dos curiosos; "anunciaram qualquer coisa na semana passada". Ligamos para o estúdio da rádio e, gentilmente, nos informaram um telefone.

À noite, vieram mãe e filha embaladas pela esperança do reencontro com a avezinha de estimação que havia fugido há algumas semanas. Quando mostrei a elas o que chamei de periquito, a mãe ficou com um ar muito triste e a filha

começou a chorar. Não era aquela. A que fugiu tinha asas brancas e era uma fêmea. Este pássaro — informou a senhora —, é um macho de calopsita; não é um periquito. Agradeceu e foi embora levando a criança desesperada e em prantos.

Embatucado, corri em busca do Aurélio: *"CALOPSITA SF/ Certa ave. "informa-se que calopsita é um pequeno pássaro, de cor cinza, que exhibe uma espécie de crista no alto da cabeça. / A senhora Fernanda Colagrossi, cuja calopsita de estimação fugiu pela janela, está prometendo outra calopsita a quem achar a sua. (Jornal do Brasil, "Zóximo", 24.10.80)"*. Satisfeita minha ignorância, fui para a cama. Pelo que dizia o dicionário, calopsita é um pássaro fujão, criado em cativeiro para pôr em desespero seus proprietários amorosos. Sempre haverá no mundo uma senhora Fernanda pedindo encarecidamente que lhe devolvam a calopsita que fugiu pela janela.

A esta altura já não consigo dormir. Minha imaginação saltou da calopsita para as crianças que desaparecem através de portas e janelas da vida, abertas pela miséria e a fome.

Este país tem mais crianças perdidas pelas ruas, do que pássaros de estimação fugidos de cativeiros. Em raros casos, algumas crianças são procuradas por mães em desespero. A maioria delas, ao contrário dos pássaros, vaga abandonada pelas ruas e avenidas. Dormem em bueiros, transformam-se em tartarugas ninjas, assaltam bolsas de senhoras indefesas e, muitas delas, acabam mortas por justiceiros ou policiais. Valem muito menos do que calopsitas ou periquitos. Nos jornais e nas rádios nenhum anúncio de desaparecimento; nem qualquer recompensa a quem informar seus paradeiros. Único destino, quando apanhadas vivas, é o recolhimento desumano nas gaiolas da Febem. Feras acuadas, não bichos de estimação.

Fecho os olhos, cubro a cabeça com o lençol e tento dormir. Meu devaneio foi longo demais. De madrugada, já no sono profundo, um terrível pesadelo invadiu a minha noite povoando o quarto de crianças-calopsitas com asas verdes de periquito, voando aos bandos em busca de um destino além do horizonte azul deste planeta cinza.

No dia seguinte a notícia correu rápida e o verdadeiro dono da calopsita apareceu — para alívio nosso que não sabíamos o que fazer com essa preciosidade rara. Fiquei livre do problema e esclareci minha ignorância sobre aves domésticas. Só não me liberei do pesadelo das crianças aladas. Estas, ainda persistem no sonho e na realidade onde os bichos — ao contrário das crianças abandonadas —, têm um lar confortável e comida farta. Talvez porque as avezinhas de plumagem macia, como a fugidia calopsita, exibam no pequeno corpo mais pena do que caberia em nossos corações empedernidos que batem descompassados, enfartados pelo egoísmo de uma sociedade alienada.

* * * * *

OUTROS

POEMAS

ANTIQUÁRIO

A madeira daquele móvel
mais antiga que a própria árvore
abriga cupins e traças
roídos pelo cerne maduro.
O tempo lixou o verniz
empenou rachou a tampa;
mancava de um pé quebrado.

O porão da casa grande
é como asilo. Aceita
o lixo velho da casa
que por humana piedade
não convém ser destruído.

O móvel desce ao porão
e sua ausência na casa
traz alívio repousante.

A impossível convivência com o velho
de onde virá? Da distância
que existe entre nossos mundos?
De sua proximidade
com um mundo misterioso?

Inexplicável esta força
que arrasta aos porões da vida
as coisas velhas da casa
sem mesmo tomar cuidado
de abrir suas gavetas
e olhar suas entranhas.
pode ser que dentro haja
mais vida que na aparência
Mais coisa
que dentro das coisas novas
mantidas dentro da casa.
Cartas de amor, um diário,
álbum de fotografia,
sabedoria, uma alma
onde ficou um sorriso
hoje amarelo. É o tempo?

É solidão, é tristeza,
é desprezo e umidade
escorrendo pelas paredes
dos antiquários do mundo
onde enterramos com vida
nossos pertences de estima;
podem ser um armário,
cama, guarda-roupa, homem.

* * *

HISTÓRIAS PARA OS BISNETOS

— I —

O coador era de pano
o fogão era de lenha.
O bule sempre na chapa
mantinha o café bem quente
e receptivo.
As novelas nós mesmos escrevíamos

e cada visita era um capítulo
de final inesperado.
Dirigíamos, representávamos
nosso papel verdadeiro
no drama do dia-a-dia.
Estou falando do tempo
em que havia fantasmas
e casas mal-assombradas.
O mundo vinha em manchetes
de alguns poucos jornais
lidos no bar, no barbeiro,
logo em seguida usados
muito melhor no banheiro.
Lembro-me até de que havia
algo chamado dinheiro
difícil e desnecessário
já que a felicidade
nos era dada em viver.
Nossas ambições: calçados,
calças compridas. O sonho:
ganhar uma bicicleta.
Como iniciar esta história:
“era uma vez outro mundo
onde as pessoas viviam”.

— II —

O coador era de papel
o fogão era a gás.
Moderna garrafa térmica
mantinha o café bem quente
e intragável.
As novelas outros escreviam
e cada visita era um problema
afinal insuportável.
Dirigidos, representávamos
o nosso falso papel
e o dia-a-dia era um drama.
Estou falando do tempo

em que havia inflação
e verbas mal aplicadas.
O mundo vinha em manchetes
de não sei quantos jornais
lidos em todos os lugares
inclusive no banheiro,
tamanha a falta de tempo.
Lembro-me até que havia
uma febre por dinheiro
difícil, mas necessário
já que a felicidade
era comprada em suor.
Nossas ambições: um carro
geladeira, casa nova,
poupança, TV em cores.
O sonho: acertar a quina.

Como terminar esta historia:
“era uma vez este mundo
onde vivia o bicho-homem.
Era uma vez o bicho.
Era uma vez.
Era uma.
Era.”

* * *

PESADELO

No porto e aeroporto
a máquina da polícia
investiga.
Na ferrovia e rodovia
a policia monta guarda
noite e dia.
Burlando a vigilância
crianças chegam ao mundo
transgredindo as leis
com seu mistério profundo.

É proibido nascer.
É proibido trazer
crianças para este mundo.
Guardas prendam a mulher.
Tem criança escondida
em sua mala barriga.
Baioneta abre a mala
cai no chão um objeto.
É louro, feito de ouro,
entalhado em carne branca,
suspense por delicado
cordão-prata umbilical.
Mas o contrabando é bem
maior que o poder da lei.
A Alfândega tamanho pílula,
tamanho de camisinha,
se rende em lençol de rendas.

Detectores eletrônicos
microcélulas fotoelétricas
máquinas nem um pouco éticas
que não sabem de estéticas
conseqüentemente céticas
foram montadas às pressas
no porto-aeroporto
rodovias-ferrovias
para manter este bando
de humano contrabando
que é chegado todo o dia
pelos meios mais escusos
com seus costumes e usos.
São quase todos ilegais
indo contra o projeto
de fazer do sujeito objeto
submisso e obediente
à legislação vigente.

Passaporte, R.G.

certidão de nascimento
um título: o de eleitor
nem nobre, nem muito usado,
credenciam a passagem
do poeta e da mensagem
nas alfândegas da vida
com contrabando de sonhos.

Mas a este não. Foi pedida
vistoria em sua mala.
Abriu-se sua bagagem
revistaram sua roupa
seus papéis de apontamentos.
Chegou-se à conclusão
que trazia um coração
de contrabando no peito.
Soa o alarme vermelho.
Robôs cercam o aeroporto
fecham-se as portas da gare.
Alto-falantes, telex,
satélites artificiais
noticiam. O mundo pasma
vendo a imagem fantasma
do andrógino poeta
(Messias? Falso profeta?)
em plena era espacial
com um coração no peito.
“Mas isso não é direito”,
bradam robôs e mutantes
e avançam sobre o poeta.
“Socorro”. O poeta acorda.

Foi pesadelo, mais nada.
Mas cabe tanta verdade
numa simples feijoada
comida ontem à tarde?

Já acordado o poeta
arrota, toma sal de frutas

vai ao banheiro, medita
e caga em cima do mundo.

* * *

HOMO-SAPIENS

Vou cabendo
em casas alugadas.
a geometria urbana
me prende por deveres.
Arrasto dívidas
atadas ao tornozelo.
Sonho escondido
para evitar as taxas.
Falo em código:
— Apague a luz.
— Feche a torneira.
— Coma menos.
Me vendi inteiro
e não bastou.
Do segundo andar
o escrivão espia.
Na sala ao lado
o promotor espera.
Atrás da mesa
o juiz aguarda.
O oficial caça deslizes
na rua.

Cumpri todos os deveres
e não bastou.
Doei cabelos
quarenta anos
duas crianças
pelo direito
pelo dever
pela família

pela pátria
pela paz.
Mas não bastou.

Uns trocados. Pão velho.
Cigarro. Pinga. Um prato
de comida. Roupa.
Sapato velho. Campanha
do Asilo. Bingo
da Santa Casa. Rifa.
Esmola. Festa
da Padroeira. Aniversário
da tia, da mãe, da avó,
do pai, do vizinho,
do sobrinho. Enterro
com missa. Filho
doente. Remédio.
Farmácia.

Palmas no portão:
o senhorio avisa
o aluguel vencido
a um homem idem.
às seis é hora da janta.
Arroz, bife e problemas
de sobremesa.
— Abaixе esse rádio.
— Não vai sair hoje?
Não. Não vou sair.
Nem fugir.
Um pijama me prende.
Calçarei chinelos
escorregarei com eles
para o sono.
Rendido em rendas
sonho em liberdade
o não acordar.
No criado-mudo
ao lado da cama

a vespa mecânica
caminha nervosa
com seu tic-tac
pela noite adentro.
Como cão de guarda
vela o meu sono.
Mal fareja o sol
pulando sobre o muro,
late seu alarme.

Acordo
levanto
escovo
lavo
penteio
visto
esquento
tomo
e saio
no pátio
da rua
como um condenado.

* * *

CORDEL DO ZÉ BRASILEIRO

— I —

Filho de pai alongado
foi logo abandonado
pela sua mãe solteira.
Cresceu sem eira nem beira.
Não foi criado. Criou-se.
Menino esperto, safou-se
sempre da morte. Há quem diga
teve amarelão, lombriga,
catapora, varicela,
sarampo, febre amarela.

Caxumba foi ao sovaco
por pouco desceu no saco.
Muito cedo conheceu
mulher da vida. Sofreu
gonorréia, cancro duro,
já não tinha o sangue puro
mas tinha o corpo fechado
por mãe-de-santo famosa.
Mulato cheio de prosa
saía só com malandro.
Voltava de vez em quando
à casa da mãe-de-santo
para curar o quebranto.
Meteu-se com viciados
bicheiros considerados
apanhou, quase morreu
das pancadas que sofreu.
Despacho nenhum redime
quem traz a sina do crime.
Amigou com uma puta
partiu sozinho prá luta
procurando seu salário
no bolso do operário.
De assalto ao crime de estupro
fez tudo. Até que um grupo
de policiais à paisana
montou, à noite, campana
na porta de sua amada.
Prendeu a fera acuada
sem resistência. Algemado
foi levado ao delegado.

— II —

A lei da prisão ensina:
estuprador de menina
é agarrado à força
e por mais que o corpo torça
tem que sofrer como ela.

Violentado na cela,
humilhado, espancado,
abriu-se o corpo fechado.
Cabisbaixo, quase mudo,
jurou vingança de tudo.
Saiu em condicional
já um bandido anormal.
Fez logo à noite um assalto
tornou-se o terror do asfalto.
Na zona do meretrício
exercia seu ofício
de cafetão. Sua fama
espalhou-se como chama
entre o crime organizado.
Logo ficou invejado
temido e respeitado.
E, bem na boca do lixo,
montou um quartel de bicho
ganhou mulher e dinheiro
e como todo bicheiro
passou a chamar-se doutor:
Doutor José Brasileiro.

— III —

Mas a fama tem seu preço
e tudo que tem começo
um dia tem o seu fim.
Foi mais ou menos assim:
deu entrevista ao jornal
achando que era normal
satisfazer a vaidade
contando a toda cidade
sua vida, desde início.
Falou da infância difícil
das doenças, do abandono,
pois cão criado sem dono
pega sarna, pega raiva,
apanha, ataca e morde.

Sonha com vida de lorde.
Lembrou-se da mãe-de-santo
sem mencionar, entretanto,
seu vexame na prisão
onde sofreu a lesão
que nunca mais cicatriza.
Falou de forma precisa
como não fizera antes
de figuras importantes
que valem de seus ofícios
prá explorar todos vícios.
Quis mostrar o outro lado
do crime organizado
onde pessoas de berço
recebem mais que um terço
do dinheiro arrecadado.
Citou nomes. Foi marcado
para morrer. Encontrado
na madrugada seguinte
furado por mais de vinte
tiros nas costas, no peito.
Tipo de crime perfeito
que acostumamos a ler
achar normal, esquecer.

Assim termina a história,
banal, vulgar e inglória
do Zé qualquer brasileiro
que eu não sou o primeiro
a contar. Quem quiser
conte outra se souber.

* * *

O MUNDO CÃO DO CÃO

O aglomerado na esquina
sugere acontecimento.
Chego e fico sabendo:

ciclista na contramão
distráido atropela cão.
Pálido, joelho ralado,
toma água com açúcar
gentileza interiorana
da senhora da casa ao lado.
— Olhe só a bicicleta;
não serve mais para nada.
— Poderia ter morrido.
— A Sociedade Protetora dos Homens
deveria protestar.
Cachorro solto na rua
ameaça a nossa vida.
— Um requerimento.
— Um abaixo-assinado.
— Uma passeata de protesto.
— Vamos à Prefeitura.
Os homens se organizam
solidários ao ciclista.

Longe, atrás do muro
de um terreno baldio
geme baixinho um cachorro
olhando a perna quebrada.
Por instinto sabe inútil
discutir razão com homem.
Recolhido em sua dor
solidário solitário
nada lhe resta senão
lamber a sua verdade.

* * *

DIÁLOGO SURDO

Na face flácida
a boca ácida

urde falácias
em entrelinhas
de perdigotos.
O hálito exala
úmida fala.
Humilde cala
uma outra boca.
A palavra minguá
no céu da língua.
Palavras vão
palavras vãs
palavras chão
palavras chãs
pala(vras)vrão
chave, chavão
de uma boca
sem fechadura
que fecha, dura,
a qualquer pura
bem intencionada
vontade de fazer
o diálogo do nada.

* * *

DESPEJO

Os dentes trincam. Rangem
como rodas no aço do trilho.
Palavras não falam. Babam
a alma-ectoplasma
pelos dois cantos da boca.
Olhos vidrados, virados;
última vistoria na casa
prestes a ser abandonada.
Haverá tempo ainda
para os retratos?
Zumbido de padre no ouvido.
Só restam alguns minutos

para rever com cuidado
o filme de toda a vida.
Tão velho, faltando partes,
o som ruim, voz tão rouca,
quase tudo estragado.

Sequer sobrou algum tempo
para tentar a reforma.
Encanamentos entopem
cederam os alicerces
curto-circuito nos fios.
Sem luz os olhos balançam
mortiços.
Neurônios em pânico.
Falha de computador
impede que se renove
contrato de locação.
As leis de outra justiça
ordenam deixar vazia
a moradia falida.
De nada vale o argumento
do rábula e suas rezas.
A vela intimação
bruxuleia um rosto de anjo
oficial de justiça divina
cumprindo mais um mandado
não sei se é de despejo
ou busca e apreensão.
Já ausente o inquilino
urge soterrar a casa.
Vazia, não vale mais
que um velório decente
e meia dúzia de prantos.

No fórum
pairando acima de tudo
juizes indiferentes
expedem novos mandados.

* * *

ATRÁS DO PANO

Sob a camisa passada
sigo em desalinho.
Os ombros pensos
penso esta vida
e forjo meu brasão.
As minhas armas:
caniço, anzol e linha.
Com elas pesco
o meu destino
com muito tino
no escuro rio
que me ultrapassa.
Minha vivência
vou colocando
no samburá
cozido n' alma.
Nos intervalos
durmo meu sono
treino verdade.

Estas calças, estas camisas,
me autorizam andar na rua
como um ator em velho palco.
O personagem que represento
aborrecido nos bastidores
boceja atrás do pano.

Meus documentos e obrigações
meu papel branco
minha poesia
a minha pele
envolvendo a carne
meu intestino
e suas cólicas
vão construindo

a minha vida
catada a esmo
e no fim doada
para mim mesmo.

* * *

DE COMO UM GENERAL FOI REBAIXADO A RECRUTA (a verdadeira história do Coronel Dráusio Baptista)

— I —

Coronel Dráusio Baptista
reformado General:
ainda moço se alista
no Exército Nacional.
Veste farda. Uma conquista
que o faz sentir-se o tal.
Soldado duro e valente
lutou na guerra da Itália
sempre na linha de frente;
ganhou fama e medalha
voltou herói e tenente.
Foi um militar perfeito
compenetrado em seu posto
com a medalha no peito
e a cicatriz no rosto.
Se a cara metia medo
seu nome impunha respeito.
Subiu depressa a Major —
depois de ser Capitão.
Chamado ao Estado Maior
chegou ao alto escalão
nomeado Coronel.
Exerceu essa função
por longo tempo. Afinal
viu terminado seu sonho:
reformado General.
Afastado, inativo,

idoso, sentiu-se à parte
e desistiu de estar vivo.
Morreu no primeiro enfarte.

— II —

Chegou ao céu arrogante:
— “São Pedro, sou General.
Sempre fui um comandante
com a palavra final.
Minha carreira brilhante,
meu solene funeral,
me credenciam alto posto
no Exército Celestial”.

—”Meu filho” disse o Santo
abrindo o livro da vida,
“contenha o seu espanto
até que eu me decida.
Frente à justiça divina
todos são homens iguais;
cada um tem sua sina,
ninguém é menos nem mais.
Você vai ser alistado
aspirante a querubim
e, se for bem comportado
— e é melhor que seja assim —,
se tiver boa conduta
no regimento dos anjos,
poderá ser um recruta.
Se ganhar minha confiança
e cumprir o seu papel,
poderá ser ordenança
do Arcanjo Gabriel.
Por ora, eu lhe aconselho
despir a sua arrogância,
deixar seu rosto no espelho,
vestir de novo a infância,
olhar com ternura o povo,

encurtar essa distância,
começar tudo de novo
como se fosse criança.
Isto é tudo, no momento.
Este anjo sentinela
mostra seu alojamento.
Antes, tire da lapela
estas falsas cinco estrelas.
Simbolizam opressão:
aqui, não vamos quere-las”.
O comandante comandado
ao final de tanta luta,
viu seu sonho acabado:
rebaixado a recruta.

— III —

Esta a verdadeira história
do Coronel Dráusio Baptista
um homem que teve glória,
fama, poder e conquista,
quando na terra vivia.
Não é uma boa história
e nem de muita valia,
mas a melhor que conheço
para explicar que a morte
antes de fim, é começo.

* * *

PEIXE

Esculpido em água espreita
o rastro que não deixou.
A rapidez elétrica do vôo submerso
detida no engodo da isca.

Aço do anzol
náilon da linha

veneno do esgoto
insensatez do homem.

Espinho na garganta
o rio poluído vomita
no estrondo da cachoeira.

Escultura líquida o peixe
— fácil e fóssil —
na gravura colorida
resiste ao tempo.

* * *

INDAGAÇÕES

Quem, senão meu algoz
meu eu alheio
meu de repente
capaz de recriar
minha outra vida
em plena morte
a que me condeno?

Quando, a não ser ontem
me vejo agora
sem um passado
se o pretérito
mais que perfeito
conjuga o verbo
que se fez carne?

Onde, senão no espelho
a minha face
reconstruída
será memória
breve reflexo
em trajetória?
Como, se o cristal

em seu avesso
é tão opaco
e o meu rosto
desfeito em caco?

* * *

CANTATA DE RODA

O vilarejo
me lembra o periquito
e o velho do realejo.

Esta esquina
me lembra o camelô
e a cobra Catarina.

Este muro
me lembra o menino
olhando para o futuro.

Esta calçada
me lembra a cadência
da mulher amada.

Esta escada
me lembra que subi
e não encontrei nada.

Esta janela
me lembra o rosto
do prisioneiro em sua cela.

Esta porta
me lembra de repente
que agora Inez é morta.

Esta terra
me lembra a solidão

por ser o pano que o ato encerra.

* * *

HERANÇA

Outros, não eu
herdem a terra e seus despojos.
Os que ficarem nunca saberão
o lugar exato onde havia uma
árvore pousada sobre um pássaro verde. (1)

Galhos arrancador
murchará o pássaro —
árvore depenada, folha,
pousada, sombra.

Do tronco — garra retorcida —,
incinerado com sua plumagem
sobrará o canto hermético pairando
por sobre a terra ardendo em brasa fria.

Atrás de mim nunca virá
aquele que bom me fará.
Os herdeiros da terra despojada
não saberão do trigo; nem do pão
servido com o vinho; nem do cálice
onde o monge bebeu as esperanças
e consagrou a vida além da morte.

Puro será apenas
o homem calcinado sob as telhas,
o tempo derretido na parede
e o cristal fundido do espelho
retendo o último gesto.
da mão paralisada.

Entre o céu e a terra
não haverá mais mistérios

para o alívio dos mortais
e suas vãs filosofias.
O que é bom dura apenas
o necessário. E o necessário é mais
do que merecemos e não desejamos.

Se quem nos deu a vida
há de resgata-la,
que o faça ao poente.
Quero estar escuro nesta longa noite
para resplandecer na curva do horizonte
o fogo-fátuo do meu riso sério.

(foi mantida a redação original do autor “árvore pousada sobre um pássaro verde”, dada à concepção de caos do poema).

* * *

CONVITE

Maria, Tereza, João, Antonio:
porque não envelhecer chorando?
Estas rugas, estas lentes, o reumatismo,
a asma, as cólicas, as câimbras,
acaso vos obrigam sorrir em vosso ocaso?
Olhai as vossas mão: são incapazes
de segurar o garfo ou a caneca.
Vamos envelhecer sorrindo enquanto a vida
se propõe em outro corpo aberto em prantos?

Vamos envelhecer chorando.
Não a vida
mas a promessa de redenção
não havida.

* * *

QUILOMBO DOS MEUS MALES

Troncos petrificados em concreto
brotam em senzalas urbanas.
Silhuetas de antigas árvores
onde folhas se agitam em néon.
Jardins cultivam chaminés
de variado aroma agridoce.
A fumaça brota como rosas —
espinho irritante na garganta.
Não mais o ventre verde da floresta
que concebeu o filho incestuoso
com genitália de machado e serra.

Engenheiros do mal desaprendemos
o gesto da mão que colhia o fruto
e a liberdade de leva-lo à boca...
Compulsivos insanos nos perdemos
na criatividade fácil das pranchetas
onde traçamos a linha do destino
que nos mantém — eternos prisioneiros
dos quilombos de pedra areia e sonhos.

Homens miscigenados: eis o mundo
onde por toda a vida comerás
o pão com o suor do teu rosto.
O mesmo pão que o diabo amassou
e Deus distribuiu entre os apóstolos
como símbolo do próprio corpo —
promessa de redenção confinada
na moldura dos quadros a óleo,
protegidos na clausura dos museus
do olhar faminto dos gentios.

Assim não fomos concebidos
e nem a isto fomos condenados.
Pecamos por pensar demasiado

e de pensar demais, enlouquecemos.
Acorrentados em elos de asfalto
servimos a social escravatura,
escamoteada em real democracia,
onde poucos foram os escolhidos
e eleitos por nós somente aqueles
capazes de nos roubar sem um remorso.

Casas com ruas, guias e sarjetas,
nesta cidade onde nasci e vivo —
ou tantas outras onde também vivem
homens estranhos que eu nem conheço —,
quilombo dos meus males e de todos
os males da humana escravidão.
Sou aquele que espera ansioso
a chegada de um carteiro azul-celeste.
Já vesti pijamas e chinelos
e aguardo, na cadeira da varanda,
a carta de alforria assinada.

* * *

CRISÁLIDAS

No casarão antigo onde morou a infância
o cheiro é outro. A tinta nas paredes
tende a um cinza escuro de saudade.
Na mesma sala, o mesmo relógio,
que balizou as horas dos meus mortos,
insinua um tempo que me foi roubado
e se acumulou em pó atrás dos quadros.
Até o espelho, entre cristaleiras,
esqueceu-se das imagens refletidas,
não reconhece os mesmos personagens —
antes crisálidas, hoje silhuetas.
E, a cada dia, quando revisito
a velha construção em abandono
desmoronam com ela os meus sonhos,

curva meu corpo ao peso do telhado.

Ali viveram duas gerações
e, entre as duas, eu cresci alheio
aos corpos desabando em minha volta.
Somente agora entendo o semblante
do meu avô sentado na poltrona
as mãos cobrindo a curva da bengala
onde apoiava o queixo em pensamentos.
Cinquenta anos? Nem tanto. Talvez quarenta,
bastou para levar cupins e traças
a se unirem ao tempo contra nossas vidas,
corroendo as entranhas das fotografias.

Os que ali ainda vivem já não mais percebem
o ranger melancólico do assoalho —
lamento seco de madeira gasta
sob pés que se arrastam a passos lentos.
Breve os hóspedes renitentes
terão abrigo em outras paisagens
e o casarão deserto, assombrado,
terá apenas um valor venal
nos registros civis do município.

Se até então eu estiver com vida,
não mais irei passar por suas salas
carregando esta angústia a tiracolo —
brinquedo de criança enrugada.
Só vou me permitir olhar da rua
a fachada antiga, a fechada porta,
do que outrora foi depósito de esperanças.
Esvaziada a casa pela ausência,
o mofo vai por verde sobre o azul
do tapete do quarto, onde inocente,
tantas vezes dormi senhor do mundo.
Se ficarem os lustres sei que as aranhas —
sempre sábias e pacientes fiandeiras —,
urdirão a teia exata e geométrica

para capturar lembranças que balançam
no tênue fio de seda invisível
que nos envolve o corpo e nos prende à vida,
frágeis casulos à beira do abismo.

* * *

DE SALTIMBANCOS E MAMBEMBES

Não me peça favores. É perder tempo
desfiar seu rosário de lamentos.
Suas dores nada significam
neste universo de desamparados.
Como posso ajudar, se sou um fraco?
Já experimentou rezar ao Deus dos Justos?
Dizem que sempre tarda, mas não falha.
Se Ele não atendeu, porque a mim
caberia pensar suas feridas?
É este o mundo e não há outro
capaz de redimir o sofrimento
que cabe a cada um durante a vida.
Paciência, bondade e caridade,
são dons dissimulados da loucura,
exercícios cruéis de santidade
que só insanos teimam cultivar.

Não me peça conselhos, nem esmola.
Tudo o que eu disse nunca valeu nada
e tenho os bolsos furados. As moedas
são dízimos cunhados a fogo no metal
e pertencem a César. Abaixa

estas mãos espalmadas em apelo. Ergue
esta cabeça branca. A vergonha
é atributo de fracos e covardes.
De nada adianta estes olhos tristes
e a expressão no rosto de piedade.
Os poucos que se comovem estão fingindo
compartilhar sua dor. São apenas
alguns samaritanos preocupados
com a vida eterna e a salvação da alma.

Somos todos egoístas inconfessos,
atores canastrões de uma farsa
montada pelo acaso no palco do mundo.
Diante deste cenário azul do universo
a multidão de figurantes contracena
no anonimato de ruas e avenidas.
Sobra aos histriões o principal papel
e eles o representam tão somente
sonhando com as luzes da ribalta.

Só estou neste palco por engano.
Sou o penetra vadio
que entrou pelos fundos do teatro
e andou vagando pelos bastidores
se escondendo entre as dobras da cortina.
Sou o péssimo ator que, em cena,
mal se sustenta nas pernas.
O amador que ensaiou
durante cinquenta anos
e até hoje vacila
como no dia da estréia.
Como posso representar
se o enredo é um monólogo,
um desfiar de lamentos
e o personagem um fracasso?

As dores alheias não comovem
o público entediado
que boceja na platéia,

a carne cobrindo os ossos,
os nervos à flor da pele.
Estão todos, como eu,
perdidos no mesmo enredo
enredados nesta trama
que é o drama de vida e morte
desta trupe itinerante
de saltimbancos e mambembes
perdidos no picadeiro
do grande circo onde somos
estrelas instantâneas e sem brilho
nesta constelação de astros decadentes.

* * *

GATO RATO

A morte não morre nunca.
A morte vive
de tocaia, na espreita,
até que se refaça
na dor da caça.

A vida não vive nunca.
A vida morre
na noite da caçada
até que venha a aurora
em boa hora.

A morte é o gato
alisando o pelo.
A morte é o fato
medindo as possibilidades

do golpe exato.

A vida é o rato
roendo o tempo.
A vida é o retrato
exposto ao sol e à chuva
do anonimato.

A morte tem sete vidas
atemporais.
A vida tem uma só morte
e nada mais.

Morte-gato
carne no prato.
Vida-rato
o queijo prato.
A gatoeira
é traiçoeira.
A ratoeira
é brincadeira.

A morte,
questão de sorte.
A vida
só despedida.
As duas
vivem nas ruas.
Só uma fala.
A outra, cala.
A que consente
acaba ausente
e o gato ri
na foice e no bigode:
— “Comigo, ninguém pode”.

* * *

RITORNELO

A noite antecede o silêncio do laser (O raio laser)
redesenhando a aurora.

O galo, no chão escuro,
cisca a provável manhã
e, com toque de artista,
modela o seu anúncio
no bico, embaixo da crista.

O grilo presente o dia
escondido atrás do morro
e guarda o velho instrumento
no canto, embaixo da pia.
Não mais fabrica o lamento
cricado de agonia
esfregando a rolha molhada
numa garrafa vazia.

O sapo parece um louco
com seus olhos de ressaca.
É um tenor sem casaca
afônico, e um tanto rouco,
de cantar na noite fria
no meio da saporaria.

A coruja, pensativa,
no muro do cemitério
já não é tão criativa
nem leva o estudo a sério.
Sua toca logo busca
antes de clarear o dia.
(A claridade ofusca
sua vã filosofia).

O vagalume, com luz vaga,
no fim da noite nem brilha.
Tão logo sua luz se apaga
corre e vai trocar a pilha.

Póstumo e horizontal
o sono recicla o corpo
cansado que, afinal,
dorme estendido na cama
sonhando amanhecer
abraçado em quem ama.

A noite é hora imprecisa
e quando a manhã desliza
no contorno da montanha
a algazarra é tamanha
que o homem acorda em seguida
e põe-se a pensar na vida.
O dia é ressurreição,
é posterior provação.
É um jogo de xadrez
jogado entre o sol e o vento
com nuvens que o orvalho fez
no tabuleiro do firmamento.

O dia é a negação
da morte. O dia adia
a hora de prestar conta
até que a tarde vadia
vai se transformando em lua —
a depravada que, nua,
exibe a barriga cheia
prenhe do raio de luar.

A luz do ventre incendeia
a noite que vai chegar
com sua orquestra sonora
(até o laser voltar
redesenhando a aurora).

* * *

FINAL SEM JUIZO

E porque um dia prestaremos conta
de nossos fatos atos e boatos
fazem-nos beatos — logo quando natos —
da sociedade secreta que pondera
sobre nossas cabeças com a espada
de fé e fogo. A farsa fere a inocência
com o que é ritual e sem escolha.
E testemunhas há que sempre atestam
o que não proferimos quando mudos
ou que por nós falaram e até juraram
o temor que nos persegue transcendente.
E que assinam por nós as laudatórias
cantaram por nossas bocas ladainhas
prometendo honrar nossas condutas
como se fossem viver as nossas vidas.
Só por nascer já somos condenados
como foram os que nos trouxeram a este mundo
em nossa nudez coberta por andrajos
mal costurados em alinhavos hesitantes
na cama de casal amarfanhada
pelos desejos da carne. Inconsútil
o manto da infância breve se esgarça
e o que era puro súbito embrutece
negando tudo o que não prometera.
A verdade é uma e logo se assevera:
mais nu que o nascituro é o homem feito
lanhado em seu destino pela espada
que paira sempre erguida em ameaça:
“Em fila que a sua hora
não é chegada para minha ira”.

E para tudo existe sempre a Hora
imprevisível além do relógio
se sobrepondo à diuturna luta
de sobrevida. O imponderável
exige mais do que um homem pode
diante do tempo mensurável que lhe cabe
frente ao desmedido tempo que o espera.

O que antecede o divino é diabólico
e trama contra a vida em tribunais
de galerias escusas onde juizes
se arvoram em árbitros ungidos:
“Você é quem? Está faltando
o atestado de vida. O de pobreza
é dispensável ao que é humano;
está implícito na genética da árvore
genealógica e se encontra intrínseco
na própria certidão de nascimento”.

O interlocutor se recompõe
transcendental e sub-reptício
diante do próprio espelho
que não cabe na moldura.
A mão direita deixa impressões
digitais e analógicas no papel
que arrebanha dados e desmistifica
o clone moldado em barro
antes do sopro e da costela
quando ainda úmido se sabia finito,
na falha da modelagem.
Diante do inquiridor
o homem definha humilhado
sob o olhar abutre da confraria
que se refaz no dízimo da carne
arrancada com o couro em remissão
do pecado de ter sido concebido.

Se é assim na terra como no céu
será? Que provável justiça ou juízo
aguarda o homem fora do seu corpo?
Anjos togados de asas
são infalíveis em suas penas?
Que dor poderá doer
além do conceito físico
que se extingue com a carne?
Queimar ou resplandecer
dimensiona o absurdo

de um final sem juízo
quando viver não é mais preciso
e só navegar, paraíso.

* * *

TRICOTOMIA

1- Advento

A lei tem fome de papel. Registra
o advento no carimbo e autoriza
a posse do declarante sobre a coisa
agora nominada e pertencida
ao seu real senhor e à senhora
a quem caberá ofertar os seios,
o leite e os demais cuidados
reservando ao Estado a supremacia
de dispor ao seu talante no futuro —
se escapar da coleta prematura
e vingar forte, submisso e comandado.
Haverá antes que vencer a fome
sobreviver à diarreia e chegar
à soleira da escola bem nutrido
onde aprenderá ler a sorte no horóscopo —
mais do que está escrito na sina e no signo
de sua herança genética.
O menino há de ser feito antes do homem
só de sonhos.
Não perceberá o tempo entre brinquedos
escondendo armadilhas, arquitetando
emboscadas, redesenhando o rosto
com paciência de mãe zelosa que acaricia
a face lisa onde porá sulcos.
Silenciosa
a carne vai crescer sobre os ossos que se alongam
nos braços, no corpo e nas coxas
onde o sexo se abrigará envergonhado

até a descoberta. E o corpo terá maior volume
delineando o juvenil traído por espinhas
e pêlos que se acumulam no centro das virilhas.
Os delírios virão em tempo certo
para arquivar o imortal no centro da memória.
Antes da rapinagem dominará o mundo
e brincarà com ele na bola de couro
até conhecer os limites da liberdade
na linha da barba e dos deveres.

Breve é o tempo do cordeiro na ceva —
anho a ser imolado em oferenda —
ao qual será negado o permitido
de quem será tolhida a esperança
no dia da colheita em campo santo.
Breve é o tempo entre o fazer e o desfeito
que atropela a vida na urgência
de repor as peças na engrenagem.

2- Provação

E mais papel exige a Lei insaciável
para que o homem exista, numerado,
acima do carimbo do advento
e possa estar no mundo sem suspeita
de um dia fugir às regras da polícia
mantendo-se cordial e sempre pronto
a servir: “Pois não, senhor. O que devo
fazer prá ter direito à vida?”
Além do meu corpo e o sangue das minhas veias
oferecerei minha submissão de fera acuada
por esta réstia de luz”.
O homem
se faz de incertezas
e vai amadurecendo na colheita
dos outros. Na primavera
floresce com os campos indiferente
ao adubo deitado em valas frias.
Crestado no verão já é um fruto

de casca dura e polpa intumescida.
Se escapar de poda prematura
chegará ao outono sazonado
sabendo que o inverno, antes de ceifa,
é um apodrecer entre paredes albergadas —
maçã na prateleira da dispensa.
É um tempo de provação quando a semente
ainda no fruto se sabe perdida
e elabora a essência maturada
que trai a polpa e perfura a casca
buscando outro florir em terra germinada.
É um tempo de provação quando o fruto
percebe a árvore agitando o caule
e antecipa a angústia da queda na esperança
de novo frutificar em verde ramo.
É um tempo de provação quando a existência
se prende ao corpo e suas circunstâncias
negando o movimento fácil, apagando
secretos arquivos da memória
onde o homem se faz e se consome.

3- Solidão

Premia a solidão uma bengala —
oferenda da árvore partida —
prolongamento jovem da mão
a evitar a queda irreversível
ao apoio lavrado em cerne duro.
O chão inspeciona com o terceiro pé —
guia do cachecol que segue enrolado no pescoço
a conter a tosse da noite que invade o dia.
Sentado um tanto longe da janela
um olho opaco, atento ao som da rua
e outro na bengala, próxima à cama,
que uma criança monta — cavalinho de pau —
na espera da mãe que nunca entra pela porta
trazendo a caneca de leite derramado
que engomou a camisa e cheira azedo.

Quem aumenta todos os dias este quarto
sem nenhum consentimento ajuizado?
Quem obriga a difíceis caminhadas
o inquilino que aguarda o despejo
com receitas e pílulas alocadas
não acode em que gaveta do armário?
A Mestra. Foi quem passou a lição
no caderno de casa e cansou a memória
e forçou a vista antes do findar do ano
letivo. Ela, que nega o lenitivo,
sempre ensina por dever de ofício
e o diploma nunca. Só mais tarde
no dia da colação, se as faltas forem poucas.
O quadro, negro muito antes dos olhos
embaçados nos recreios de sanduíches
quando havia dentes para favorecer a fome
uniforme atrás da camisa normalista.

Que fizeram com tudo que foi amealhado
debaixo deste telhado de alvenaria?
Onde esconderam as pernas tão ligeiras
que levavam as mãos caprichosas pelas ruas
em sucessivos acenos: "Olá! Bom dia.
Como vai?" Vizinhos, transeuntes
recolhidos além do campo de visão
repelidos, confinados com finados
além da disposição dos bens amealhados?
"Aqui, aqui. Estamos espalhados
na atmosfera do quarto, nas campinas".
Move a cabeça um pouco para o lado.
A coluna impede o movimento
e está no centro da sala, empecilho
sólido, a obstar o movimento da cadeira
de roda-roda-roda, pé-pé-pé, na noite de gala
bem de gala. De bengala, é o tigre
e a cabeça fora do alcance
do bote ensaiado no erro do pulo
grudado no chão por um par de chinelos
dissimulado na camuflagem de pijamas listrados.

Vislumbra, na solidão, a vida inteira
presa a quatro alças em mãos amigas
que emprestarão os braços e os músculos
no transporte presente de um passado
que um dia irá lentamente arrastado
sob a nave ressoante em música sacra.
No quarto (o olho opaco atento à janela)
vigia o movimento. Até que a porta
dos fundos se abra em liberdade
e por ela fuja o menino esperto
montado na bengala — cavalinho de pau —
atrás dos anjos.

* * *

REVELAÇÃO

Mistério
não é o desconhecido
acenando do abismo
ou dúvida posta além
da linha tempo limite.
Nem é a vida poupada
no óvulo infecundo
ou a surpresa do corpo
após a libertação.
Muito menos o castigo
de um provável deus irado
contabilizando culpas
entre anjos vingadores.
Nem mesmo é mistério a Terra
perdida do espaço cósmico
onde a vida é o acaso
disfarçado de esperança.

Seria mistério o homem
na solidão e no medo
na sua autopiedade

na sua pungente dor? —
aprisionado na dádiva
que nunca soube lidar
relutando devolver
o que nunca lhe pertenceu?
É mistério o outro homem
parado ao nosso lado
com sua presença oca
sua aderência viscosa? —
lagartixa transparente
inspecionando as sobras
catando nossas migalhas
restos de amor no caminho
que nos cabe repartir?
O homem no tempo espaço
é sempre aquele que espera,
mas nunca o que acontece.
Sabendo breve a existência
desaba sobre os joelhos
pede perdão pelo crime
doloso de estar vivo.
Miserere nobis
tende piedade de nós
Deus dos coitadinhos
Deus dos abandonados
Deus dos injustiçados
Deus dos desamparados.
Ora pro nobis que o criamos
para sempre nos perdoar
para salvar nossas almas
que a vida temos perdido
só por medo de vive-la.
Com tudo isto o homem
ainda não é o mistério.

Nem a morte é mistério.
O homem veste a vergonha
do morto, com terno escuro.
Cobre de terra, se benze,

manda fechar o concreto.
A alma caduca o chão
sai no canteiro vizinho
em uma rosa encarnada.
Mistério?
Não. É mais nada
do que flores entre espinhos
que vão murchando ao relento
de uma feroz existência
exposta ao sol e ao vento
sem ponto de referência
sem um ponto de partida.

Será mistério a matéria
em transformação seguida?
Uma química etérea,
implacável e doída,
que se antecipa à morte
e nos apodrece em vida?
Nem mesmo isto é mistério.

Eu vos revelo: mistério
verdadeiro é a poesia.
Tudo o que é grave e sério
tudo o que encanta, extasia,
cabe num pequeno verso:
um átomo, um grão de areia,
a vida, o amor, o universo.

Poesia: ninfa, sereia,
mar de solidão onde, imerso
me afogo. Quando terei-a?

* * *

abril de 1995

Digitalizado pelo Autor em maio de 2012.

O AUTOR

1957/1959 – Estudante, ainda no antigo Ginásio Estadual e Escola Normal de Descalvado, foi colaborador do Jornal “**O ESTUDANTE**” e jornal “**O COMÉRCIO**”, como poeta e cronista. Como músico participou da formação da orquestra “**RITMO E PENUMBRA**”, tocando ora sax, ora violino.

1961 – Já em São Paulo, conhece no Fórum João Mendes Júnior o escritor Paulo Dantas, do qual recebe estímulo para o lançamento do seu 1º livro de poesia.

1963 – publica o livro “**POEMAS DO MOMENTO ANGUSTIADO**”, prefaciado pelo amigo Paulo Dantas e continua colaborando com jornais de Descalvado, com artigos de cunho político, crônicas e poemas.

1964 – Integrante do conjunto “**OS BERIMBÓIS**” grava seu primeiro LP, seguido de dois compactos com músicas compostas pelo grupo.

1974 – Com o grupo “**MUSICAL 5**” lança seu segundo LP com algumas músicas de sua autoria.

1976 – Retorna a Descalvado com sua família, continuando suas atividades como músico profissional em São Paulo.

1980 – Convidado pelo “**JORNAL DO VALE**” em Descalvado, lança-se com grande entusiasmo às atividades jornalísticas.

1981 - Publica seu 2º livro de poesias “**CANTORIA**” com poesias e crônicas enfocando casos e curiosidades de sua cidade.

Participa de Concursos de poesias: 1º lugar (Descalvado), 3º lugar (Piracicaba). Vence o **Concurso da TV Cultura-SP**, escrevendo sobre o tema “**A música em minha cidade**” e obtém o 1º lugar no **Concurso Weril** com a crônica “**Prá ver a banda passar**”. Professor da Escola Municipal de Música mantida pela Prefeitura, chegando a exercer o cargo de maestro da “**Corporação Musical Santa Cecília**”.

1992 – Retorna às suas atividades musicais como saxofonista do grupo “**Os Originais do Samba**” em São Paulo onde permanece até fevereiro de 1993.

1995 – Continua se expressando através da música e da literatura que integram o seu ser. Publica seu 3º livro de crônicas e poesias “**RASCUNHOS DE ALGIBEIRA & OUTROS POEMAS**”.

APOIO CULTURAL

SABI – Sociedade dos Amigos da Biblioteca

Sociedade sem fins lucrativos, fundada em 11/09/81; declarada de utilidade pública pela Lei 1523 de 02/03/95, tem por objetivos incentivar, apoiar e integrar todas as iniciativas de cunho educativo da comunidade.

CÂMARA MUNICIPAL

PREFEITURA MUNICIPAL (SECET)

Descalvado – 1995

SHEKINAH – Editora e Gráfica Piracicaba SP